

Viva o XV Aniversário da Revolução

VOZ OPERÁRIA Nacional-Libertadora de 1935

CARLOS PRESTES

A FRENTE DA INSURREIÇÃO ARMADA NO RIO!



Leia na 7.ª Página
CRÍTICA AO MOVIMENTO
REVOLUCIONÁRIO NACIO-
NAL LIBERTADOR
um trabalho de
HARRY BERGER
tradido em português

Esta edição: 3 pág.
Número gráfico: 100.000
A MANHÃ
DIREÇÃO DE PIRO HOTALIMA
2ª EDIÇÃO

NUM. 192 - Rio de Janeiro Quarta-Feira, 25 de Novembro de 1935. - ANNO 1

SOBO SEU COMMANDO LEVANTOU-SE, ESTA MADRUGADA, A GUARNIÇÃO DESTA CAPITAL

Todas as forças desarmadas no Rio, no dia 25 de Novembro, foram sob a direção política e militar de Luiz Carlos Prestes. O movimento vinha sendo preparado desde algum tempo. Os acontecimentos do norte do país, tendo deflagrado a revolução no território nacional, determinaram da parte de Prestes a ordem de sobre-aviso das guarnições em outro local e que foi há muito tempo para a manhã de 25 de Novembro, o movimento da Revolução, marcada para esta madrugada e pronunciamento das forças armadas do Rio e de outros pontos do país. Sua palavra de ordem foi imediatamente cumprida, conforme se verifica com a generalidade do levante nesta capital.

O MOVIMENTO ESTENDE-SE A TODO O TERRITÓRIO DO PAIZ

Em S. Paulo, o commando das forças revolucionarias foi assumido pelo general Miguel Costa

O AVISO DE PRESTES aos seus companheiros

Texto do sobreaviso dado, hontem, por Luiz Carlos Prestes aos seus companheiros de revolução:
"O Comité Revolucionario, sob a minha direção, frente aos acontecimentos que se desenrolam no norte do paiz e á ameaça de installação de uma ditadura reaccionaria, decide que todas as forças da Revolução estejam promptas para lutar pelas liberdades populares e para dar o golpe definitivo no governo de trahição nacional de Getulio Vargas.
Dia e hora serão opportunamente marcados.
Rio de Janeiro, 25 de novembro de 1935. - HARRY BERGER PRESTES"



Fac-simile da 1.ª página de «A Manhã», órgão da A.N.L., circulou a 27 de Novembro, em duas edições, trazendo ao povo a palavra de Prestes

UM TRATADO DE PAZ POR 20 ANOS

1 - A guerra da Coréia estende-se à China e ameaça o Mundo

A intervenção armada nos Estados Unidos na Coréia teve início em junho deste ano. A partir de então, a situação internacional se agravou terrivelmente. Aumentou o perigo de uma nova guerra mundial, pois era evidente que os imperialistas iam fazer tudo para estender o conflito coreano por eles provocado e desencadeado.

Realmente, seguiram-se as violações sucessivas do território da China pelos aviões militares dos Estados Unidos. Somente entre 28 de outubro e 10 de novembro corrente, o território chinês foi sobrevoado e atacado pelos aviões de guerra americanos 68 vezes. Esses voos foram realizados por uma total de 218 aparelhos. 14 cidadãos chineses foram mortos ou feridos durante esses raids provocadores. Nada menos de 62 edifícios foram destruídos e outros 500 danificados num ataque destruidor realizado a 9 de novembro por 18 aviões norte-americanos, na região chinesa de Cangten-Hoku.

2 - Stalin aponta uma solução pacífica

No entanto, o generalíssimo Stalin, em resposta a uma mensagem do primeiro ministro da Índia, Nehru, sobre a guerra da Coréia, sugeria, a 15 de julho, uma solução para o conflito coreano, afirmando:

«Sendo sua iniciativa de paz. Compartilho seu ponto de vista acerca da conveniência da solução pacífica da questão coreana».



através do Conselho de Segurança esta a participação imprescindível dos representantes das cinco grandes potências, entre elas do Governo Popular da China. Creio que para a rápida solução da questão coreana seria conveniente ouvir no Conselho de Segurança representantes do povo coreano».

3 - O Soviet Supremo vota a proibição da arma atômica

A 19 de junho, o Soviet Supremo da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, em sessão solene, apoiava o Apelo de Estocolmo, votando assim pela proibição das armas atômicas e considerando criminoso de guerra o governo que primeiro utilizar essas armas contra qualquer país.

4 - Categórica resposta de Malik

A 19 de setembro, interpelado na sede da ONU por uma delegação do Comitê de Paz da cidade de Baltimore, Estado de Maryland, Estados Unidos, sobre se a URSS se comprometia a não ser o primeiro país a utilizar a bomba atômica, Jacob Malik respondeu categoricamente: SIM.

Malik respondeu também afirmativamente a pergunta: Acetta a URSS uma reunião dos principais dirigentes dos Estados Unidos e da União Soviética para negociar a paz em 1950.

5 - Proposta de Paz na 5.ª assembléia geral da ONU

No início de setembro de 1950, em setembro deste ano, Vichinski, chefe da delegação da União Soviética, apresentou uma proposta de paz mundial, através da seguinte

DECLARAÇÃO

1.ª - A Assembléia geral da ONU condena a propáganda em favor de uma nova guerra que está sendo feita em certos países e convida todos os governos a proibir em seus Estados respectivos semelhante propáganda, submetendo a julgamento os que se tornarem culpados de propáganda de guerra.

2.ª - A Assembléia geral, reconhecendo que é incompatível com a consciência e a honra dos povos a utilização da arma atômica como instrumento de agressão e de extermínio maciço de homens, decide proibir incondicionalmente a arma atômica e criar um controle internacional rigoroso para a aplicação precisa e absoluta dessa proibição.

A Assembléia geral declara também que o governo que primeiro utilizar contra qualquer país a arma atômica ou qualquer outra arma de destruição em massa de populações cometerá um crime contra a humanidade e será considerado criminoso de guerra.

3.ª - A assembléia geral, considerando que é necessário reforçar a paz e compreendendo a responsabilidade particular que cabe aos membros permanentes do Conselho de Segurança visando a manutenção da paz, propõe por unanimidade:

a) - que os Estados Unidos da América, a Grã-Bretanha, a França, a China e a União Soviética unam seus esforços pacíficos e assinem um pacto para reforçar a paz;

b) - que estas grandes potências reduzam de um terço, durante o ano de 1950, seus armamentos atuais (forças terrestres, aviação militar de todos os tipos, marinha de guerra), objetivando uma redução ulterior de armamentos que deve ser submetida ao exame de uma das próximas sessões da Assembléia geral.

ESTE É O CAMINHO QUE A UNIÃO SOVIÉTICA CONVIDA TODOS OS POVOS A SEGUIR NAS DURAS CONDIÇÕES ATUAIS. A ASSEMBLÉIA GERAL DEVE SEGUIR ESTE CAMINHO, E SEGUI-LO CORAJOSAMENTE.

ESTE É O NOSSO PROGRAMA, UM PROGRAMA DE REFORÇO DA PAZ E DE COOPERAÇÃO ENTRE OS POVOS, UM PROGRAMA QUE PERMITIRÁ AFASTAR A AMEAÇA DE UMA NOVA GUERRA.

6 - A U.R.S.S., CONTRA A REMILITARIZAÇÃO DA ALEMANHA

A 22 de Outubro reuniram-se em Praga, na Tchecoslováquia, os Ministros do Exterior da União Soviética, Albânia, Tchecoslováquia, Rumania, Polónia, Hungria, Bulgária e República Democrática Alemã e, denunciando a grosseira violação do Acordo de Potsdam pelos Estados Unidos, Inglaterra e França - acorda que impunha a desmilitarização da Alemanha e sua democratização - em nome dos povos de seus países e de todos os povos que foram vítimas da agressão alemã, exigiam:

- NÃO PERMITIR A REMILITARIZAÇÃO DA ALEMANHA E SUA PARTICIPAÇÃO EM QUAISQUER PLANOS AGRESSIVOS

- CONCLUSÃO URGENTE DE UM TRATADO DE PAZ COM A ALEMANHA, SEGUNDO O ACÓRDO DE POTSDAM, COM A RETIRADA SUBSEQUENTE DE TODAS AS FORÇAS DE OCUPAÇÃO DA ALEMANHA.

- CRIAÇÃO DE UMA ASSEMBLÉIA CONSTITUINTE PARA TODA A ALEMANHA, A QUAL PREPARARÁ A CONSTITUIÇÃO DE UM GOVERNO DEMOCRÁTICO E PACÍFICO PARA TODA A ALEMANHA.

Com este objetivo - a solução do problema alemão - a URSS propôs uma conferência quadripartite aos governos dos Estados Unidos, Inglaterra e França.

7 - CARACTERIZAÇÃO DO AGRESSOR E SUA PUNIÇÃO

A 6 de novembro, na ONU, o chanceler soviético Andrei Vichinski propunha em nome de seus país que a Assembléia geral das Nações Unidas considerasse agressor qualquer Estado que:

1 - Declare guerra a outro Estado.

2 - Invada o território de outro Estado mesmo sem declaração de guerra.

3 - Bombardie com suas forças de terra, mar ou ar o território de outro Estado ou ataque deliberadamente navios ou aviões de outro Estado.

4 - Desembarque suas forças dentro das fronteiras de outros Estados, sem permissão do governo desse Estado.

5 - Bloqueie as costas ou portos de outro Estado.

8 - Asséguar a Paz por 20 anos

Finalmente, depois de ter sido aprovada pela Assembléia geral da ONU, a 17 de novembro, uma nova proposta visando assegurar a paz entre os povos durante um período

de 20 anos, a proibição das armas atômicas, da redução dos armamentos e de um pacto de paz entre as 5 principais potências. Vichinski apresentou na Assembléia geral da ONU, a 17 de novembro, uma nova proposta visando assegurar a paz entre os povos durante um período



VICHINSKY

de pelo menos 20 anos. São os seguintes os principais pontos da nova proposta de paz da URSS:

1 - Reuniões extraordinárias periódicas do Conselho de Segurança.

2 - Rigorosa observância do direito de veto pelos 5 grandes.

3 - Proibição incondicional das armas atômicas e rigoroso controle dessa proibição pela ONU.

4 - Igual contribuição, por parte de cada uma das 5 grandes potências (URSS, Estados Unidos, Inglaterra, França e República Popular da China) para a força armada internacional estipulada pela Carta da ONU, sob autoridade do Conselho de Segurança.

5 - Ajuda técnica às regiões pouco desenvolvidas, sem que a nação que ajuda imponha condições que equivalham a privilégios políticos, econômicos ou militares.

6 - Estimulo ao comércio internacional na base da igualdade e do respeito à soberania de todos os países e sem intervenção nos assuntos internos de outros Estados.

9 - O DEVER SAGRADO DOS PARTIDARIOS DA PAZ

DIANTE DE TÃO CLARAS E DIRETAS AFIRMAÇÕES DE AMOR A CAUSA DA PAZ MUNDIAL POR PARTE DO GRANDE PAIS DE STALIN, A PODEROSA E INVENCÍVEL UNIÃO SOVIÉTICA, PATRIA DOS TRABALHADORES, CABE A PERGUNTA:

- QUEM IMPEDE A CONSOLIDAÇÃO DA PAZ E DA SEGURANÇA ENTRE OS POVOS?

E A RESPOSTA QUE OS FATOS IMPÕEM É ESTA: OS ESTADOS UNIDOS, DA AMÉRICA, OS IMPERIALISTAS DE WALL STREET, OS GANGSTERS ATÔMICOS, O BANDO DE GUERREIROS DE TRUMAN, ACHESON, FOSTER DULLES, MAC ARTHUR, BRADLEY E MARSHALL.

CABE ASSIM AOS POVOS LUTAR MAIS FIRMEMENTE EM DEFESA DA PAZ, CERTOS DE QUE O GRANDE MOVIMENTO DOS PARTIDARIOS DA PAZ JÁ CONSTITUIU DE FATO A 5.ª GRANDE POTÊNCIA, A FORÇA SECRETA QUE PARA TRAZER E RECONSTRUIR A PAZ MUNDIAL.

7 dias NO BRASIL

CONTRA O ENVIO DE TROPAS

A população baiana está revoltada com a transferência do 19.º B.C. para Belém do Pará, de onde, segundo denúncias, a ditadura de Dutra pretende fazer embarcá-lo para a guerra imperialista contra a Coreia. O povo se mantém vigilante, disposto a impedir este crime.

GOVERNO DOS TATUIRAS

Ademar o parceiro de Vargas, preparou uma mensagem à Assembleia Legislativa Estadual mandando reduzir o imposto de venda e consignações para os fazendeiros de café, enquanto este imposto foi aumentado para o povo.

NOVO CHOQUE EM PORECATU

A 7 do corrente verificou-se novo choque armado entre a polícia de Moisés Lupion e os bravos posseiros de Porecatu. Neste novo choque, os camponeses infligiram várias baixas à polícia, que teve 4 mortos e um ferido. Um reforço que chegou ao local da luta se recusou a entrar pelo medo em perseguição aos posseiros, pois os soldados afirmam que não são empregados dos Lunardelli para morrer estupidamente em perseguição aos camponeses.

SOLIDARIEDADE A PRESTES

Centenas de moradores do bairro operário de Vila Nova, na capital de Goiás, enviaram ao Senado um abaixo assinado protestando contra o processo e a ordem de prisão preventiva da Covaleiro da Esperança.

DEFENDERÁ O PROGRAMA DA F.D.L.N.

Apesar do terrorismo da ditadura e de todas as dificuldades criadas pelas classes dominantes à participação independente do proletariado nas eleições, foi eleito no Ceará para a Câmara Estadual o sr. Pericles Moreira da Rocha, candidato da Frente Democrática de Libertação Nacional, que ali defenderá o programa de 9 pontos.

7 DE NOVEMBRO

O proletariado goiano comemorou a passagem do 30.º aniversário da Revolução Socialista com manifestação de rua. Alguns trabalhadores foram presos, mas seus companheiros se reuniram em frente à delegacia de Anápolis e arancaram os presos das garras da polícia. Depois, todos juntos saíram pelas ruas dando vivas à União Soviética e à Revolução Proletária.

VOZ OPERÁRIA

Diretor Responsável: WALDIR DUARTE

ASSINATURAS:

Anual C\$S 30,00
Semestral " 15,00
N.º avulso " 0,50
N.º atrasado " 1,00

AV. RIO BRANCO 237
17.º and. 17111 a 17112
R. de Janeiro - D. Federal
BRASIL



O P.C.B. e a Revolução Nacional-Libertadora de 1935

Maurício GRABOIS

A 27 DE NOVEMBRO comemoramos o 15.º aniversário de um dos mais importantes acontecimentos para os destinos do povo brasileiro: a Revolução Nacional Libertadora de 1935. Na história do movimento revolucionário brasileiro, que registra inúmeras e grandiosas lutas populares, as lutas insurrecionais de novembro de 1935 constituem o seu ponto culminante. Pela primeira vez na vida política de nossa pátria, o proletariado, aliado em ampla frente única a outras forças anti-imperialistas, levanta-se em armas contra o imperialismo e contra seus lacaios nacionais. Há precisamente 15 anos, tropas do exército e massas populares de Natal e de Recife, e os heróicos soldados do 3.º Regimento de Infantaria e da Escola de Aviação Militar no Distrito Federal, apoiados no grande movimento de massas anti-imperialista e anti-fascista, realizado em todo o país sob a gloriosa bandeira da Aliança Nacional Libertadora, iam à insurreição armada contra o governo de então, o governo de traição nacional de Vargas.

Nas gloriosas jornadas de 1935 a classe operária, liderando as forças anti-imperialistas do país, assestou um poderoso golpe na ditadura feudal-burguesa, a serviço do imperialismo, e abriu uma nova etapa na luta pela libertação nacional do povo brasileiro. Por isso mesmo, por sua importância histórica e por seus riquíssimos ensinamentos, os movimentos insurrecionais do nordeste e da capital da República devem ser profundamente analisados e estudados, pois hoje como há quinze anos, continuamos a desfraldar a mesma bandeira de luta pela emancipação do país do jugo do imperialismo estrangeiro e pela derrubada da ditadura feudal-burguesa.

Ao se estudar a insurreição de 1935 e as intensas lutas de massas que a precederam, lutas essas realizadas à base do grande movimento de frente única da Aliança Nacional Libertadora, destaca-se o papel dirigente da classe operária e de seu partido — o Partido Comunista do Brasil. Durante um longo período, após a derrota de 1935 dentro do próprio movimento revolucionário, procurou-se esconder esse papel dirigente desempenhado pelo P.C.B. nas lutas de 1935, tentando os elementos oportunistas obscurecer a ação consequente dos comunistas na luta pela libertação nacional.

como os organizadores da A.N.L. e como a única força política que procurava imprimir à A.N.L. uma orientação verdadeiramente revolucionária.

Durante quase dez anos fez-se silêncio sobre o papel decisivo do P.C.B. como a força propulsora do movimento nacional-libertador de 1935. É evidente que a A.N.L. e as lutas armadas de novembro de 1935 não eram movimentos comunistas, pois, além dos comunistas, delas participavam várias outras forças políticas e os seus objetivos eram combater a fascistação do país e pugnar pela libertação nacional. Mas, nas condições atuais, depois da Grande Revolução Socialista de Outubro, a luta pela libertação nacional só pode ser realizada de maneira consequente, com êxito até a vitória, quando dirigida pelo proletariado através de seu Partido de classe, o Partido Comunista. E foi justamente o P.C.B. que em 1935 conseguiu unificar as forças anti-imperialistas e anti-fascistas para a luta contra o fascismo e contra a dominação imperialista. Somente passada quase uma década, quando o camarada Prestes saiu do cárcere e que foi proclamada em público a posição do P.C.B. como a força dirigente da luta pela libertação nacional em 1935. Em seu primeiro discurso depois que foi posto em liberdade pelo poderoso movimento em prol da anistia, o camarada Prestes a 23 de maio de 1945, no estádio de São Januário, afirmava sem rodeios que o P.C.B. fora «o organizador e dirigente do glorioso movimento da Aliança Nacional Libertadora — frente única dos patriotas e democratas que em todo o Brasil se uniram para impedir a fascistação de nossa terra».

Essa posição dirigente do proletariado e do Partido na Revolução Nacional Libertadora de 1935 foi conquistada no curso da própria luta em defesa dos interesses do povo e das massas trabalhadoras, através dos grandes movimentos de massas que criaram as condições para a eclosão da insurreição no nordeste e do movimento armado no Distrito Federal. Nos anos de 1934 e 1935 foram se acumulando, com as condições objetivas favoráveis à luta revolucionária, com o desencadeamento de lutas de intensa repercussão nacional

pelas reivindicações políticas e econômicas diretamente dirigidas pelo P.C.B., os fatores de união revolucionária. Foi sob a direção do nosso Partido que em 1934 se desencadeou um grande e poderoso movimento grevista que, além das reivindicações econômicas, apresentava reivindicações políticas como a legalidade do P.C.B. e o reconhecimento da União Soviética, atingindo os setores mais importantes do proletariado, particularmente no Distrito Federal, Estado do Rio e Pernambuco. Nesse mesmo ano foi o Partido que teve a iniciativa de realizar o grande Congresso Nacional Anti-guerrero, levado a efeito a 1.º de agosto de 1934, quando as massas enfrentavam violentamente a reação policial. Esse Congresso conseguiu enorme repercussão política e foi uma poderosa demonstração contra o integralismo.

Ao mesmo tempo, ainda sob a direção do P.C.B., crescia em todo o país a luta contra o fascismo, assumindo essa luta o caráter de choques armados contra as hordas integralistas e contra a polícia, cujas violências aumentavam continuamente, em particular contra o movimento operário. A intensidade dessa luta cresceu em ritmo bastante acelerado no ano de 1935 e tomou um grande e vigoroso impulso revolucionário com a formação, por iniciativa do nosso Partido, da A.N.L. cuja influência se estendeu logo por todo o Brasil, principalmente depois que Prestes assumiu a sua direção.

Sem as lutas de massas daqueles anos e sem o movimento da A.N.L. não teria sido possível lutar de armas na mão contra a fascistação do país, contra o imperialismo e a ditadura feudal-burguesa de Vargas. Nisso reside um grande mérito de nosso Partido naquela época, que pôs em prática uma justa tática de frente única e de lutas de massas, aplicando uma justa linha política revolucionária, não se limitando somente a mobilizar as massas para a luta pelas palavras de ordem básicas, como a derrubada do governo de traição nacional de Vargas e a libertação do país do jugo imperialista, mas também agrupando e educando os seus membros e as massas para a insurreição armada.

Se foi o P.C.B. o fator fundamental dessa acertada orientação revolucionária, é necessário também reconhecer que foram as condições do

COMENTARIO NACIONAL

HOMENAGEEMOS OS HERÓIS DE 35, LUTANDO COM MAIS FIRMEZA E AUDÁCIA PELAS DIRETRIZES DO MANIFESTO DE AGOSTO

AINDA HÁ MUITOS comunistas que não têm uma visão clara e justa sobre o grande movimento nacional-libertador de 35, como também sobre a gloriosa insurreição de 27 de novembro. Também há alguns comunistas que subestimam mesmo o valor e a importância histórica da luta revolucionária armada de 35, conduzida pela Aliança Nacional Libertadora sob a liderança do Partido Comunista. Existem ainda pessoas e entre estas alguns intelectuais comunistas, que, por mais incrível que pareça, dizem que a insurreição de 35 foi uma simples revolta ou que em Natal houve uma simples masorca.

O que é certo, entretanto, é que, todas essas pessoas seja por deficiência de informação ou devido à influência exercida pela intensa propaganda inimiga contra a insurreição de 35, têm uma compreensão inteiramente falsa dos acontecimentos históricos que se desencolaram em 35 e que foram guiados por Prestes.

O movimento de 35 é um marco decisivo no processo da Revolução Brasileira. Em 35, o Partido, sob a liderança de Prestes, conseguiu travar uma luta política e tática inteiramente justa e que penetrou nas massas. Em 35 surgiram grandes lutas grevistas e populares, camponesas e contra o integralismo. Em 35 se organizou, pela primeira vez no Brasil um movimento anti-imperialista da envergadura da A.N.L. Em 35 as forças revolucionárias no Brasil passaram da agitação e propaganda da solução revolucionária para a luta armada pelo poder. Luta armada na capital da República, luta armada de ampla envergadura em Recife e tomada do poder em Natal, com a instauração do governo nacional revolucionário.

Somente isto seria suficiente para mostrar a importância do movimento nacional-libertador de 35. O exemplo das lutas de 35, o exemplo daqueles que marcharam de armas na mão sob a bandeira de Pão, Terra e Liberdade é um exemplo que não pode jamais ser esquecido e que ajudará sempre o nosso povo, como já o disse Prestes «a vencer todos os obstáculos e todas as resistências que se apresentem no caminho da democracia, do progresso do Brasil e da união, independência e bem estar de nosso povo». Esse exemplo é ainda mais digno de ser seguido agora, quando, no Manifesto de Agosto, Prestes indica que o único caminho de salvação para nosso povo é o caminho da Revolução. «É o povo que luta porque não está disposto a ser reduzido à condição de escravo — escreveu o grande líder. — Diante da violência dos dominadores, a violência das massas é inevitável e necessária, é um direito sagrado e o dever iniludível de todos os patriotas. É o caminho da luta e da ação, o caminho da Revolução».

O que podemos e devemos aprender de 35 e que parte da solução revolucionária dos problemas brasileiros necessitamos fortalecer cada vez mais o nosso Partido, precisamos organizar efetivamente uma ampla Frente Democrática de Libertação Nacional, precisamos popularizar ao máximo o Programa Revolucionário. Precisamos nos ligar mais e mais às massas. Precisamos, entretanto, antes e acima de tudo, compreender que, em cada luta desencadeada, em cada organização de massa que se constitua, devemos saber explicar, com paciência mas com persistência, às grandes massas, que a única solução para os seus problemas não é senão a que Prestes ofereceu no Manifesto de Agosto. Neste trabalho, precisamos conquistar as massas para os pontos de vista de Prestes, isto é, para a solução revolucionária. Sim! Porque a única maneira atual e efetiva de resolver os problemas das grandes massas trabalhadoras e assegurar liberdade para o nosso povo, a independência para a nossa Pátria e conseguir Paz, Pão, Terra e Liberdade será através das lutas revolucionárias de massas, será através da luta pela vitória do Programa Revolucionário da Frente Democrática de Libertação Nacional.

A melhor maneira de homenagear o glorioso 35 e os heróis da insurreição de 27 de Novembro será através do desencadeamento de lutas revolucionárias de massas, será através de um trabalho rápido e imediato de organização das amplas massas, será ganhando essas massas para as diretrizes revolucionárias indicadas pelo grande Prestes no seu histórico Manifesto de Agosto.

Partido que determinaram em grande parte a derrota da insurreição de 1935. A experiência revolucionária de 1935, trazendo, através de seus fatos positivos, grandes lições para a nossa luta atual, nos ensina do mesmo modo a não repetir os erros que ocasionaram a derrota do movimento armado. Entre as várias causas dessa derrota, sem dúvida, uma das mais importantes reside no fato de não existir naquele período um partido, organizado ideologicamente, a altura da justa linha política traçada, capaz de enfrentar com êxito naquele movimento as tarefas assinaladas no programa revolucionário da A.N.L.

Apesar dos grandes progressos realizados em 1945 e

1935, de sua combatividade e de seu impulso revolucionário, o Partido não estava ainda suficientemente ligado às massas, sendo ainda bastante débil nas grandes empresas, o que explica em boa parte a ausência de lutas grevistas durante a luta armada, particularmente no Distrito Federal. Esse fato não significa que não fosse justo recorrer à luta armada para libertar o Brasil da escravidão imperialista. Ao contrário, a luta armada era a solução mais adequada, naquela ocasião, como hoje ainda o é. Para resolver os grandes problemas do povo brasileiro, o que exigia, no entanto, a liquidação dos nossos débeis e nossos

MONSTROS NAZISTAS OS INIMIGOS DA PAZ



Faltava acontecer isso durante a ditadura de Dutra: cortar a jaca o cabelo de patriotas que lutam em defesa da paz. E aconteceu em Pernambuco, sob o governo dessa repelente lacaios dos nazistas que se chama Barbosa Lima Sobrinho. Estas senhoras foram vítimas da sanha fascista de monstros que estão a soldo dos traficantes de guerra dos Estados Unidos. Tiveram elas seus cabelos cortados a "peleceira" depois de terem sido submetidas às mais infames humilhações, quando o chefe de polícia de Recife, o nazista Viriato de Medeiros, mandou aplicar bolos de palmatória em Laurinete Vasila da Silva, de 14 anos de idade, Maria José da Silva, Severina Francisca da Silva e Judith Batista dos Santos, de 17 anos, que se vêem no clichê acima, da esquerda para a direita. Estas operárias foram presas pela polícia pernambucana quando coletavam assinaturas para o Apêlo de Estocolmo. Além delas, foi presa a senhora Abigail Barbosa, que, depois de barbaramente espancada, abortou no xadrez da Secretaria de polícia de Recife, achando-se agora num hospital, em estado grave.

Estas monstruosidades, no entanto, não conseguem intimidar os partidários da paz. Ao contrário, já com que eles lutem cada vez mais decididamente em defesa da paz e pela expulsão dos militares tanques que ocupam as nossas bases em Pernambuco e que são os verdadeiros mentores intelectuais dos criminosos da camarilha de Barbosa Lima Sobrinho. Em todo o país deve erguer-se uma onda de protestos contra mais esse crime dos lacaios de Wall Street contra os partidários da paz.

Houve um complot contra o Congresso da Paz

DURANTE a realização do Segundo Congresso Mundial dos Partidários da Paz, foi revelada em Praga a existência de uma conspiração, dirigida pelos governos dos Estados Unidos, Inglaterra e



França, com o objetivo de fazer malograr a grande concentração dos partidários da paz.

Os governos desses três países enviaram circulares secretas aos respectivos embaixadores no estrangeiro no sentido de opor todos os obstáculos à realização do Congresso da Paz. A circular ordenava que fossem negados vistos aos delegados ao Congresso.

Essa medida monstruosa desmascara inteiramente os intuídos agressivos dos governantes dos Estados Unidos, Inglaterra e França e mostra que o governo ditatorial de Dutra agiu em concreto e subordinado às diretivas do Departamento de Estado de Washington quando recusou passaportes a numerosos representantes das organizações de paz em nosso país, que não puderam ir ao Segundo Congresso Mundial.

MENSAGENS AO II CONGRESSO

Ao instalar-se o Segundo Congresso Mundial dos Partidários da Paz, iniciou-se em São Paulo o envio de calorosas mensagens de saudação à poderosa organização que congrega os milhões de criaturas que em todos os países anseiam pela paz.

Realmente, o Congresso deve receber apêlo o mais vivo de todos os combatentes da paz do Brasil, a exemplo do que já fizeram os operários da Metalúrgica Paulista, da Fábrica da parafusos Santa Rosa, dos trabalhadores das malharias, das organizações de jovens de Santana e de mulheres de Agua Branca, em São Paulo — Estas mensagens devem multiplicar-se, manifestando o regosijo pela vitória do Segundo Congresso Mundial dos Partidários da Paz e pelo êxito alcançado na campanha de assinaturas do Apêlo de Estocolmo, que fez ressoar em todo o mundo o eco de milhões de vozes que exigiram a proibição incondicional das armas atômicas e condenaram antecipadamente como criminoso de guerra o governo que primeiro utilizar essas armas contra qualquer país.

Em vista dos pedidos que nos têm sido dirigidos, informamos que as mensagens podem ser enviadas para o endereço do Comitê do Congresso Mundial dos Partidários da Paz:

2, RUE DE L'ELYSÉE — PARIS

ag. 4 — VOZ OPERÁRIA — Rio, 25-11-1950

ACÇÃO em defesa da PAZ

Nossa Homenagem ao II Congresso

Atingir e Ultrapassar os 4 Milhões de Assinaturas

A nossa melhor homenagem aos promotores e participantes do Segundo Congresso Mundial dos Partidários da Paz, que se realiza neste momento em Varsóvia, é intensificar a coleta de assinaturas para o Apêlo de Estocolmo, visando cobrir a nossa cota e ultrapassá-la.

Para isso, é indispensável acelerar o ritmo do trabalho atual: ir para as ruas, de porta em porta, aos locais de trabalho, aos bairros, dobrando e multiplicando as horas dedicadas à coleta de assinaturas.

No momento de uma reviravolta como esta os partidários da paz devem ser práticos, não perder tempo em discussões que podem ser adiadas e passar imediatamente ao trabalho específico de recolher mais e mais assinaturas.

O poderoso motor desta reviravolta deve ser a emulação fraternal entre os coletores de assinaturas, a emulação entre os organismos de paz, a emulação entre bairros, municípios, cidades, Estados, a emulação nacionalmente. Estabelecer prêmios e entregar os prêmios aos vencedores, aos recordistas individuais ou coletivos. Neste sentido já estão trabalhando os partidários da paz da Bahia, São Paulo e outros Estados, oferecendo bicicletas, medalhas

comemorativas do II Congresso, livros, etc.

E' indispensável também divulgar ao máximo as melhores experiências da campanha, os métodos positivos utilizados pelos recordistas, estimulando a sua aplicação destacando os principais coletores de assinaturas, os campeões do Apêlo de Estocolmo.

Mas, para que esta grande campanha que estamos vivendo dê os frutos que aguardam os defensores da paz precisamos não perder um momento em organizar as massas que vão sendo esclarecidas, chamar todos os que queriam lutar ao nosso lado para Comitês de Defesa da Paz que devem ser instalados em sedes próprias em todo o país, Comitês em cada bairro, comitês femininos e juvenis, capazes de dar mais força e intensidade à campanha pela interdição da bomba atômica, contra a ida de nossos irmãos para a Coreia, contra os 50 milhões de cruzeiros em gêneros que a camarilha de Dutra quer mandar para os americanos que invadiram a Coreia.

A objeção imediata dos 4 milhões — que podem ser ultrapassados — deve ser a nossa homenagem aos bravos combatentes do Segundo Congresso Mundial dos Partidários da Paz, que tantos sacrificios fizeram para realizá-lo.

A juventude de São Paulo vence a emulação

QUANDO há algum tempo as organizações femininas de São Paulo cobriram sua cota de 150 mil assinaturas do Apêlo de Estocolmo, lançaram um desafio às organizações da juventude paulista para ver quem em primeiro lugar coletaria mais 50 mil assinaturas contra as armas atômicas.

Cinco dias depois, as jovens deram a primeira resposta: atingiram sua cota de 100 mil e se comprometeram a vencer a emulação fraternal. E venceram. Segundo dados revelados a 19 do corrente a juventude paulista já conseguiu 163 mil e 800 assinaturas ao Apêlo de Estocolmo, superando os 50 mil do desafio com mais... 13.800.

MAS AS MULHERES AVANÇAM

Entretanto, as organizações femininas paulistas redobram seus esforços para conseguir rapidamente as 200 mil assinaturas, tendo coletado até agora, em todo o Estado, 190.000.

66.629 SOMENTE NUM BAIRRO

A seção do bairro do Braz da Cruzada Humanitária pela Proibição das Armas Atômicas, na capital de São Paulo, comunicou na semana passada ter coletado... 66.629 assinaturas para o Apêlo de Estocolmo naquele bairro.

As mulheres conseguiram já uma grande vitória, recolhendo 21 mil assinaturas, enquanto os jovens ficaram nas 3.000 e a União Geral dos Trabalhadores conseguiu 6.302.

PROGRAMA DE RADIO

Na cidade paulista de Batatais foi fundada uma seção da Cruzada Humanitária pela Proibição das Armas Atômicas, em cuja presidência se encontra o prefeito sr. Jorge Nazar.

Esse organismo mantém um programa diario de radio, com a duração de 10 minutos.

OUTRA SEÇÃO EM IGARAPAVA

São Paulo está na vanguarda também da luta pela organização dos partidários da Paz. Em Igarapava foi fundada uma seção da Cruzada Humanitária, da qual foi eleito presidente o diretor da radio emissora local, que está colaborando ativamente na propaganda antiguerreira e pela proibição da bomba atômica.

S. PAULO NA VANGUARDA DA LUTA PELA PAZ

O Estado de São Paulo cobriu honrosamente a cota de assinaturas do Apêlo de Estocolmo que lhe fora entregue: 1 milhão e 500 mil.

E' uma vitória que enche de orgulho não somente aos partidários da paz de São Paulo como os de todo o Brasil, pois essa notável soma de assinaturas é superior à realizada em alguns países e constitui mais de um terço do total recolhido em âmbito nacional.

São os seguintes os municípios paulistas que até agora recolheram maior número de assinaturas para o Apêlo de Estocolmo, (até de 13 de novembro):

1 — São Paulo (capital)	941.213 assinaturas
2 — Santos	104.244 " "
3 — Sorocaba	45.514 " "
3 — Campinas	25.400 " "
5 — Marília	22.755 " "
6 — Votuporanga	10.618 " "
7 — Rio Claro	10.666 " "
8 — Andradina	10.255 " "
9 — Bauru	10.022 " "



A juventude heróica do Viet-Nam levanta sua bandeira de luta. Foi no Congresso Internacional dos Estudantes, em Praga. Jovens de diferentes países que lutam pela paz e pela independência nacional homenagearam os bravos combatentes que lutam contra a odiosa recolonização francesa e derrotam os mercenários de Pleven e seus sócios. Eles, confiantes e sorridentes no clichê ao alto, quando agradeciam a homenagem.

PROGRAMA

DA FRENTE DEMOCRÁTICA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL

HOJE, COMO EM 1935, O POVO BRASILEIRO TEM DIANTE DE SI O DEVER DE TOMAR EM SUAS PRÓPRIAS MÃOS OS DESTINOS DA NAÇÃO. A SOLUÇÃO IMEDIATA DE SEUS PROBLEMAS. NO HISTÓRICO MANIFESTO DE AGOSTO, PRESTES ADVERTE: «OU O POVO TOMA OS DESTINOS DA NAÇÃO EM SUAS PRÓPRIAS MÃOS PARA RESOLVER DE MANEIRA PRÁTICA E DECISIVA SEUS PROBLEMAS FUNDAMENTAIS, OU SUBMETE-SE A REAÇÃO FASCISTA, A CRESCENTE DOMINAÇÃO DO IMPERIALISMO IANQUE, À IGNOMÍNIA DA PIOR ESCRAVIDÃO, QUE O LEVARÁ A MAIS INFAMÉ DE TODAS AS GUERRAS».

HOJE, É PRECISO LUTAR COM O MESMO HEROISMO DOS NACIONAL-LIBERTADORES DE 1935, LUTAR AINDA MELHOR DO QUE SE LUTOU EM 1935, ORGANIZAR AS MASSAS PARA LEVAR À PRÁTICA, DESDE JÁ, CADA PONTO DESTES PROGRAMAS DE PRESTES:

1 - POR UM GOVERNO DEMOCRÁTICO E POPULAR — Substituição da atual ditadura feudal-burguesa servil do imperialismo por um governo revolucionário, emanação direta do povo e legítimo representante do bloco de todas as classes e camadas sociais, de todos os setores da população do país que participem efetivamente, da luta revolucionária pela libertação nacional do jugo imperialista, sob a direção do proletariado.

2 - PELA PAZ E CONTRA A GUERRA IMPERIALISTA — Interdição absoluta da arma atômica, rigoroso controle internacional dessa interdição e condenação como criminoso de guerra do governo que primeiro utilizar essa arma de agressão e extermínio em massa. Luta efetiva pela paz, contra os provocadores de guerra e todas as medidas de preparação guerreira. Contra a política reacionária e guerreira do governo norte-americano, por uma política de paz e de luta efetiva pela paz no mundo inteiro e de apoio à luta anti-imperialista e de libertação nacional de todos os povos. Contra o Tratado do Rio de Janeiro e todos os demais tratados internacionais de guerra. Contra qualquer concessão de bases militares em nosso solo ao governo norte-americano. Imediato estabelecimento de relações comerciais e diplomáticas com a União Soviética, com a China Popular, com a Alemanha Democrática e todos os povos amantes da paz.

3 - PELA IMEDIATA LIBERTAÇÃO DO BRASIL DO JUGO IMPERIALISTA — Confiscação e imediata nacionalização de todos os bancos, empresas industriais, de serviços públicos, de transporte, de energia elétrica, minas, plantações, etc., pertencentes ao imperialismo. Imediata anulação da dívida externa do Estado e denúncia de todos os acordos e tratados lesivos aos interesses da nação. Imediata expulsão do território nacional de todas as missões militares ianques, de todos os técnicos, agentes e espões norte-americanos, como de todos os destacamentos militares ianques que ocupam nossa terra.

4 - PELA ENTREGA DA TERRA A QUEM A TRABALHA — Confiscação das grandes propriedades latifundiárias com todos os bens móveis e imóveis nelas existentes, sem indenização, e imediata entrega gratuita da terra, máquinas, ferramentas, animais, veículos, etc., aos camponeses sem terra ou possuidores de pouca terra e a todos os demais trabalhadores agrícolas que queiram se dedicar à agricultura. Abolição de todas as formas semi-feudais de exploração da terra, abolição da "meta", da "leuca", etc. abolição do vale e obrigação de

pagamento em dinheiro a todos os trabalhadores. Imediata anulação de todas as dívidas dos camponeses para com o Estado, bancos, fazendeiros, comerciantes e usurários.

5 - PELO DESENVOLVIMENTO INDEPENDENTE DA ECONOMIA NACIONAL — Completa nacionalização das minas, das quedas d'água e de todos os serviços públicos. Nacionalização dos bancos e empresas de seguro, assim como de todas as grandes empresas industriais e comerciais de caráter monopolista ou que exerçam influência preponderante na economia nacional, com ou sem indenização, conforme a posição de seus proprietários na luta pela libertação nacional do jugo imperialista. Controle estatal do comércio externo, controle dos lucros dos grandes capitalistas, abolição dos impostos indiretos e instituição do imposto fortemente progressivo sobre a renda e ampla liberdade para o comércio interno. Ajuda estatal técnica e financeira para o cultivo da terra, estímulo ao cooperativismo e garantia de preço mínimo para a produção dos pequenos agricultores.

6 - PELAS LIBERDADES DEMOCRÁTICAS PARA O POVO — Efetiva liberdade de manifestação do pensamento, de imprensa, de reunião, de associação, de organização sindical, etc. Direito de voto para todos os homens e mulheres maiores de 18 anos, inclusive analfabetos, soldados e marinheiros. Abolição de todas as desigualdades econômicas e jurídicas que ainda pesam sobre a mulher. Completa separação da Igreja do Estado e ampla liberdade para prática de todos os cultos. Abolição de todas as discriminações de raças, cor, religião, nacionalidade etc. Ajuda e proteção especial aos indígenas, defesa de suas terras e estímulo à sua organização livre e autônoma. Justiça rápida e efetivamente gratuita com juizes e tribunais eleitos pelo povo.

7 - PELO IMEDIATO MELHORAMENTO DAS CONDIÇÕES DE VIDA DAS MASSAS TRABALHADORAS — Aumento geral de salários, inclusive, do salário mínimo familiar, que devem ser colocados no nível já atingido pelo custo da vida. Escala móvel de salários. Salário igual para igual trabalho, para homens, mulheres e menores. Abolição imediata da assiduidade de cem por cento. Aposentadorias e pensões que satisfaçam as necessidades vitais dos trabalhadores e suas famílias, e ajuda aos desempregados. Democratização da legislação social, sua ampliação e extensão aos assalariados agrícolas. Assistência social custeada pelo palácio e pelo Estado. Fiscalização dos direitos dos trabalhadores, bem como a administração da assistência social, entregue aos próprios trabalhadores por intermédio de seus sindicatos. Imediata melhoria da situação econômica dos soldados e marinheiros.

8 - INSTRUÇÃO E CULTURA PARA O POVO — Ensino gratuito para todas as crianças entre 7 e 14 anos de idade e redução de todas as taxas e impostos que pesam sobre a instrução secundária e superior. Trabalho para a juventude que termina seus estudos. Apoio e estímulo



à atividade científica e artística de caráter democrático.

9 - POR UM EXERCÍTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO NACIONAL — Expulsão das forças armadas de todos os fascistas e agentes do imperialismo e imediata reintegração em suas fileiras dos militares delas afastados por motivo de sua atividade democrática e revolucionária. Livre acesso das praças de pré ao oficialato de suas respectivas corporações. Armamento geral do povo e reorganização democrática das forças armadas na luta pela libertação nacional e para a defesa da nação contra os ataques do imperialismo e de seus agentes no país.

É PRECISO LEVAR AS GRANDES MASSAS DA CIDADE E DO CAMPO O PROGRAMA DA FRENTE DEMOCRÁTICA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL. DEBATELO NO SEIO DAS MASSAS PARA QUE ELAS O SINTAM COMO CARNE DA PRÓPRIA CARNE E O PONHAM EM PRÁTICA. NO ENTANTO, O QUE TEM SIDO FEITO COM ESTE PROGRAMA É AINDA MUITO POUCO, NÃO CORRESPONDE ÀS DIRETIVAS DA PALAVRA DE ORDEM DO MANIFESTO DE AGOSTO: «SAIBAMOS LEVAR ESSE PROGRAMA AS MAIS AMPLAS MASSAS DA POPULAÇÃO DO PAÍS, ATRAVÉS DA IMPRENSA DO POVO, EM COMÍCIOS E ASSEMBLEIAS POPULARES, SAIBAMOS ABRIR A MAIS AMPLA DISCUSSÃO EM TORNO DE SEU CONTEÚDO, QUE PRECISA SER CONHECIDO DE TODOS OS BRASILEIROS. MAS É FUNDAMENTALMENTE ATRA-

VÉS DA LUTA PELAS DIVERSAS REIVINDICAÇÕES NELE CONTIDAS QUE O PROGRAMA SE TORNARÁ CONHECIDO DO POVO, GANHARÁ AS MASSAS E TRANSFORMAR-SE-Á NA GRANDE BANDEIRA E NA FORÇA PODEROSA CAPAZ DE LIBERTAR O PAÍS DO JUGO IMPERIALISTA».

HOJE MESMO, POIS, CADA PATRIOTA PRECISA PROGRAMAR A DISCUSSÃO DE CADA UM DOS NOVE PONTOS ENTRE OS OPERÁRIOS E CAMPONESES, NAS FABRICAS E NAS FAZENDAS, NAS ESCOLAS E NOS NAVIOS, NOS BAIRROS OPERÁRIOS, NAS FEIRAS E NAS ESTRADAS, VISANDO CHAMAR A MASSA À LUTA POR SUAS REIVINDICAÇÕES MAIS SENTIDAS E ORGANIZÁ-LA NOS COMITÊS DEMOCRÁTICOS DE LIBERTAÇÃO NACIONAL.

OLGA PRESTES EXEMPLO DE LUTADORA REVOLUCIONARIA

ANNY TABACK



Ao comemorarmos o 15.º aniversário da gloriosa insurreição nacional-libertadora de 35, não poderíamos esquecer, ao lado de outras figuras que se destacam nesse amplo e pujante movimento pela nossa independência do jugo imperialista, a figura de Olga Benário Prestes, esposa do grande líder e nosso querido camarada Luiz Carlos Prestes.

Uma grande dívida assumimos para com a memória de Olga: a de ter salvo, para todos nós, a vida do grande Prestes.

Naquele trágico dia de fins de março de 1936, um bando de policiais invadia uma pequena casa no Meier, usando um objetivo: assassinar Prestes. Foi a coragem de Olga, seu espírito de sacrifício, sua firmeza de lutadora revolucionária, que compreendia a importância de preservar a vida de Prestes, que fez com que ela se abraçasse a ele e o defendesse com o próprio corpo.

Presa já em adiantado estado de gravidez, sua atitude foi a de uma inquebrantável militante comunista. Portou-se como uma revolucionária proletária. Foi preciso, então, que se praticasse um novo e mais monstruoso crime: uma mulher grávida de sete meses, esposa

de um cidadão brasileiro, uma ardorosa lutadora anti-nazista, foi entregue pelo governo do tirano Vargas aos veredugos hitleristas. Por isso num campo de concentração, a 27 de novembro de 1936, nasceu Anita Leocádia. A figura de Olga se agiganta, então, no cartão pelo pequenino ser, filho do seu amor. Diz ela numa carta a Prestes, após descrever cenas da vida de Anita:

«Existem muitos detalhes belos e cada um mais lindo que o outro. Mas não se pode exprimir isto numa carta. Posso dizer-te somente que não podia me imaginar como é belo ter-se um filho e estou verdadeiramente agradecida à vida por poder gozar desta felicidade, mesmo longe de ti e detrás dos muros de uma prisão. Tu dizes muito bem que a fatalidade da vida te privou desta felicidade. É verdade, querido, e, portanto, todos os sofrimentos, tantos meses, tantas horas de solidão na prisão têm também seu lado positivo, aprende-se melhor a distinguir o essencial do vazio e nossos melhores e mais belos sentimentos se aprofundam e estabilizam...»

A educação - stalinista de Olga que era uma jovem militante do Partido de Thaelman,

enviada para estudar na U. R. S. S., seu sentimento internacionalista proletário, fizeram com que ela, rapidamente, se irmanasse ao povo brasileiro em sua luta e em seu anseio de independência. E aqui em nossa Pátria soube cumprir a tarefa que lhe fora atribuída: defender o Cavaleiro da Esperança, herói e símbolo das aspirações de todo um povo.

Mas foi em condições mais difíceis ainda, no distante campo de concentração em Berlim, que se comprovou todo o extraordinário valor de Olga: «Ela era a mais corajosa de todos nós em Ravensbrück. Nunca perdeu a fé e, por isso, foi afinal massacrada, pelos carrascos de Hitler, com quinhentas judias num campo de aniquilamento», disse dela a sra. Marie Miedmayr, sua companheira no campo. Levantava o ânimo de todas as prisioneiras, transmitia-lhes seus conhecimentos de filosofia e de política, organizava a resistência contra os bandos hitleristas:

Naquelas terríveis condições de existência, aumentava sua revolta contra a separação do companheiro. Numa carta de 15 de maio de 1937, diz ela a Prestes.

«Meu querido, há primavera em Berlim. É a primeira depois de tanto tempo. E' pena que eu não possa a perceber. Passeamos todos os dias meia hora no pátio da prisão e caminhamos separados uns dos outros por uma distância de três metros. Nós, os prisioneiros, marchamos sempre em redor do pátio. Nesse pátio há uma árvore e nesta um ninho de pássaros. Creio são melros. Chocaram, e agora nasceram os filhotes. Eu os vejo vir em todo momento para trazer o alimento a seus filhos. Trazem vermes ou qualquer outra coisa. Olho os dois e... penso em nós. Penso sempre em nós, nesses momentos. Por que os homens separam uma família como a nossa? Por que fizeram isto conosco? Há todo um mar entre nós e entretanto estamos tão pertinho um do outro.»

Para nós, mulheres comunistas, toda a vida de Olga Prestes é um luminoso exemplo a seguir. Sua juventude de lutadora, sua vida dedicada de esposa e mãe heroica, sua firmeza de revolucionária proletária, indicam-nos a única atitude compatível para todas que queremos libertar nossa Pátria para sempre da opressão que a domina, que queremos para nossos filhos, como Olga, através da ação e da luta, desejou para sua filha, uma vida próspera e feliz.



DOCUMENTOS DA INSURREIÇÃO DE 35

DECRETO DO COMITÉ REVOLUCIONÁRIO DO RIO GRANDE DO NORTE

«O Comité Revolucionário, aclamado democraticamente em praça pública pelo povo de Natal, capital do Rio Grande do Norte, às 10 horas do dia 25 de novembro e medindo a sua responsabilidade e a necessidade de defender e salvaguardar os interesses do povo e do Estado.»

1.º — Em virtude de não ser encontrado em alguma deste Estado o governador sr. Rafael Fernandes Gurgel, fica o mesmo destituído de seu cargo, que é o poder mais exercido.

2.º — Por não consultar mais aos interesses do povo e do Estado, fica dissolvida por este ato a Assembleia Constituinte do Estado do Rio Grande do Norte, ficando assim os srs. deputados destituídos dos seus mandatos, sem remuneração de espécie alguma.

Natal, 25 de novembro de 1935.

O COMITÉ REVOLUCIONÁRIO.

(conclusão da pag. 2) tudo que tinha, então, todas as possibilidades e condições para superar rapidamente essas debilidades a fim de enfrentar com sucesso a luta armada pela independência nacional.

Não é somente essa lição — de que o Partido é o fator decisivo para o sucesso da revolução — que podemos tirar do movimento insurrecional de 1935. A luta armada realizada há quinze anos constitui para o P.C.B. um inesgotável tesouro de experiências e ensinamentos. As lutas de 1935 mostraram na prática ao Partido que somente a classe operária, dirigida pelo P.C.B., pode agrupar e conduzir todas as forças democráticas e anti-imperialistas na luta pela libertação do país do jugo imperialista; que somente a revolução pode assegurar efetivas melhorias à classe operária e às massas trabalhadoras de um modo geral; que somente através da revolução será possível assegurar a democracia para o povo; que somente a luta revolucionária pode despertar grandes massas para a luta política, pela democracia e pela libertação nacional, que é preciso organizar as massas para a luta pelas palavras de ordem fundamentais e prepará-las para a luta armada.

O caminho seguido pelo Partido em 1935 era o único caminho justo e era por ele que devíamos continuar a lutar. Infelizmente, depois da prisão do camarada Prestes, a bandeira revolucionária de 1935 foi enrolada e por isso enveredamos pelo caminho do oportunismo, da colaboração de classe, do reboque à burguesia. Podemos afirmar sem receio que nesse fato reside uma das raízes dos erros oportunistas de direita que cometemos antes, durante e depois da legalidade de nosso Partido. Não fomos capazes de prosseguir na orientação revolucionária de 1935. Não vimos que as lutas revolucionárias de 1935, embora derrotadas, abriam novos horizontes para o proletariado brasileiro, que o movimento de libertação nacional assumia em nosso país um nível mais elevado, que a revolução brasileira avançava dando um sério passo, pois a Revolução Nacional Libertadora de 1935 confirmava uma das teses mais geniais de Marx que o grande Lênin cita em seu profundo artigo «Os ensinamentos da Insurreição de Moscou»: «a revolução avança pelo fato de que cria uma contra-revolução forte e unida, isto é, obriga o inimigo a recorrer aos meios de defesa cada vez mais violentos e elabora, pela mesma razão, meios de ataque cada vez mais potentes.»

Assim, na vida de nosso Partido, verificou-se um a verdadeira solução de continuidade na orientação revolucionária. Por um longo período foram silenciados os problemas da revolução. Foram escondidos durante cerca de treze anos os objetivos estratégicos do Partido e a luta pelo poder transformou-se em coisa remota, que ficava para as calendárias gregas.

Embora o Manifesto de Janeiro de 1948 constitua uma reviravolta em nossa orientação política, marcando o rompimento do Partido com a linha oportunista que até então seguíamos, somente agora, com o Manifesto de 1.º de Agosto último e que retomamos integralmente, em outro nível e em outras condições, a orientação revolucionária de 1935, desfraldando a bandeira de luta imediata pela libertação nacional e pela democracia popular.

Com o Manifesto de Prestes de 1.º de Agosto, o nosso Partido estabelece uma orientação tática efetivamente revolucionária, colocando a

O P. C. B. e a Revolução Nacional-Libertadora de 1935

mas pela revolução democrático-popular, da luta pela derrubada do poder dos latifundiários e da grande burguesia, da luta pela execução do programa da FDLN.

Diante dessa tarefa revolucionária, a experiência da luta armada de 1935 precisa ser cada vez mais estudada por todos os militantes do Partido, porque a democracia popular e a libertação nacional só serão conquistadas pela luta armada, apoiada nos mais amplos movimentos de massas. Como a luta pelo governo democrático popular é uma luta de ação imediata, a luta armada assume um papel de primeiro plano, decisivo, sendo a condição básica para vitória do movimento nacional libertador.

Nesse 15.º aniversário da insurreição de 1935 devemos não só nos capacitar do valor da luta revolucionária para conquistar os nossos objetivos estratégicos, como também sentir toda a importância, da necessidade de fazermos a mais intensa propaganda da luta armada como o meio mais eficaz para resolver os grandes problemas do povo. Não escondamos as massas que hoje em dia nosso caminho, guardada a diferença das situações de 1935 e de agora, é o de 35, o caminho da luta armada. A esse propósito, tem para nós toda importância a constatação que Lenin geralmente já fazia em 23 de Agosto de 1906: «Ocultar às massas a necessidade de uma guerra encarniçada, sangrenta e exterminadora como objetivo imediato, de ação próxima, é enganar-se a si mesmo e enganar o povo.»

Mas, para enfrentar revolucionariamente, através da luta armada, os problemas da Revolução democrático-popular, segundo nos revela a própria experiência de 1935, é preciso, simultaneamente, reforçar o Partido em todos os terrenos: orgânico, político, ideológico e particularmente, em suas ligações com as grandes massas.

O nosso Partido é o mais poderoso instrumento da Revolução. Precisamos, por isso, nos voltar com a máxima atenção para o problema do fortalecimento do Partido, a fim de que ele possa cumprir com êxito o seu papel dirigente, de estado maior das forças da Revolução. O nosso Partido precisa crescer rapidamente nas grandes empresas e nas grandes concentrações camponesas. É necessário preparar o Partido para os grandes êxitos revolucionários que se realizam através das lutas imediatas de novos e combalidos

ativos quanto e afiançar os elementos oportunistas que entravam a aplicação da linha revolucionária. Os militantes do Partido precisam ser educados para a Revolução e cada um deve procurar ser um combatente revolucionário, um líder de massas capaz de mobilizar seus companheiros de trabalho para a luta pela paz e pela libertação nacional.

Decorridos quinze anos do movimento insurrecional de 1935, as condições são muito mais favoráveis ao sucesso da Revolução.

Ao invés do cerco capitalista em torno da U.R.S.S. que existia em 1935, a relação mundial de forças extremamente favorável ao campo democrático. Este no campo do socialismo da democracia, além da grande União Soviética, China Popular, a República Democrática Alemã e os países da Nova Democracia. O sistema colonial do imperialismo desmorona e o movimento mundial dos partidos da paz atinge proporções jamais registradas na história dos povos.

Internamente existem condições objetivas para a vitória da Revolução democrático-popular. Nosso povo e o proletariado mundial aprenderam politicamente nestes quinze anos. Embora o campo democrático ache ainda bastante atrasado em nosso país, as massas trabalhadoras das cidades e do campo demonstram a sua vontade de lutar, procuram uma solução para seus problemas. Cabe aos comunistas, com a experiência de 1935 e desses quinze anos de lutas, colocar-se frente das massas e conduzi-las audazmente para a luta pela libertação nacional e social do povo brasileiro.

Se em 1935, em condições muito inferiores às atuais, sem o prestígio e a experiência revolucionária que hoje desfruta, o P.C.B., seguindo uma justa linha política, pôde realizar um movimento tão importante como da A.N.L. e conduzir as forças anti-imperialistas à luta armada, o que não poderá hoje realizar o nosso Partido, sob a direção certa e experimentada de Prestes, aplicando a linha revolucionária do povo brasileiro e o nosso Partido todas as possibilidades de conduzir as grandes massas a rápidas conquistas da democracia popular. Lançemo-nos, porém sem vacilações, às lutas revolucionárias, pela vitória da Frente Democrática de Libertação Nacional.

Crítica ao Movimento Revolucionário Nacional-Libertador

Harry Berger

N da R. — Pela primeira vez na imprensa popular é publicado este trabalho do grande dirigente da luta do proletariado mundial Harry Berger (Arthur Ewert). Escrito na época da insurreição nacional-libertadora, esse documento político de envergadura leninista-stalinista representa uma notável contribuição ao estudo do processo da revolução brasileira, digno de ser meditado e discutido.

O movimento nacional-libertador no Brasil entrou pelo caminho da luta aberta. Os levantes das massas populares e dos soldados em Pernambuco e no Rio Grande do Norte, a revolta de uma parte do Exército no Rio de Janeiro iniciam a grande luta de todo o povo brasileiro pela sua libertação nacional do jugo do imperialismo e de seus lacaios no Brasil. A falta de um sucesso imediato dos movimentos insurrecionais não significa o fim da luta revolucionária mas o prosseguimento dos preparativos mais decisivos, a eliminação de todas as debilidades e defeitos, a ampliação da frente popular com exclusão dos elementos traidores, o reforçamento e a melhor organização do Partido, dos sindicatos, da A.N.L. e das organizações populares, das ligas e dos comitês de camponeses, a intensificação do trabalho no Exército e na Marinha, o desenvolvimento das lutas dos operários e camponeses em base mais ampla pelas suas exigências diárias; o apoio enérgico e decisivo dispensado às colunas revolucionárias armadas e aos voluntários no Nordeste e a criação de novas colunas do movimento libertador revolucionário em outras regiões do país onde existem condições favoráveis.

Os movimentos revolucionários armados no Nordeste vieram repentinamente e num momento em que a situação nas demais regiões do país ainda não tinha atingido o auge do seu amadurecimento revolucionário. Vieram numa época de preparação ainda imperfeita das forças revolucionárias para o combate decisivo. Seria, porém, completamente errado censurar-se os heróicos combatentes de Recife e de Natal, as massas populares revolucionárias e os soldados, por terem levantado a bandeira da revolução nacional-libertadora, a bandeira de Luiz Carlos Prestes e terem marchado para o ataque. Somente os covardes, os oportunistas e a vanguarda trotskista da contra-revolução poderiam fazê-lo.

Os revolucionários de Pernambuco e Rio Grande do Norte passaram à luta armada baseados num movimento de camponeses que se desenvolvia em quatro Estados do Nordeste, já com o início de amplas lutas de voluntários. Os governos destes Estados do Nordeste achavam-se e acham-se num estado de desmoronamento, tendo as rivalidades no campo dos grupos dominantes feito surgir condições para a existência de uma dualidade de poderes. Todas estas circunstâncias, entretanto, não teriam por si só levado as forças nacional-libertadoras para a insurreição já agora. Teriam, por enquanto facilitado a escolha de outras formas de luta para o desencadeamento da insurreição numa base ainda mais ampla.

Entretanto, isso tornou-se impossível desde o momento em que os agentes feudais-burgueses passaram a impetuosidade revolucionária do povo passaram a desarmar os núcleos revolucionários da tropa, a transferi-los e substituí-los. Assim, achavam-se os revolucionários destes Estados diante do dilema: ou capitular sem luta ou sob pretextos ineficientes, deixando-se desarmar; ou intensificar a resistência contra o desarmamento dos soldados revolucionários indo até a luta armada. Os revolucionários de Recife e Natal, soldados e massas populares, escolheram em razão o segundo caminho.

Pela primeira vez instaurou-se no Brasil, na América do Sul, um governo popular nacional-revolucionário no Rio Grande do Norte, que lutava pelo programa de Luiz Carlos Prestes e da A.N.L. Nos poucos dias de seu domínio, o governo popular-revolucionário de Natal demonstrou às massas populares a diferença entre a opressão exercida pela reação e as medidas que o governo revolucionário tomou em defesa das massas populares: planos democráticos para as massas populares, distribuição de viveres, roupas, etc., à população pobre, expulsão

dos agentes feudais-burgueses do governo, expulsão dos imperialistas, etc. Embora provisória a composição do novo governo, foi dispensado o maior cuidado à formação de uma ampla frente unitária: representantes dos operários, soldados e da pequena burguesia revolucionária estavam no novo governo.

A luta armada em Recife foi desencadeada com grandes forças. Ao se desencadear, entretanto, infligir uma derrota decisiva à Polícia Militar que dispunha de vários batalhões. O fracasso da tomada total de Recife teve, finalmente, influência decisiva no desenvolvimento da insurreição em Natal, especialmente depois que os governos dos outros Estados e o governo central mandaram cruzadores, aviões e forças militares.

A revolta armada de destacamentos nacional-libertadores no Rio de Janeiro foi o resultado direto das lutas revolucionárias armadas no Nordeste. Ela foi desencadeada em auxílio da revolução do Nordeste. Ela foi desencadeada com o objetivo de conquistar, através da luta armada, o predomínio das forças revolucionárias e finalmente o poder na Capital Federal e no Estado do Rio. A vitória da revolução nestes pontos teria imediatamente influência decisiva para o completo desenvolvimento no país e em favor da vitória da revolução nacional-libertadora em todo o Brasil.

Os revolucionários do Rio de Janeiro estavam na dúvida sobre se apesar do curto espaço de tempo disponível para a mobilização das massas deviam passar à luta armada. Outro fator desfavorável era que devido ao desencadeamento da revolução no Nordeste o adversário era induzido a preparar-se para os acontecimentos, isto é, para a luta armada. Os revolucionários do Rio de Janeiro não podiam mais contar com o fator surpresa.

Se apesar de tudo isso todos os dirigentes resolveram unanimemente passar à luta armada imediata, foi antes de tudo pelas seguintes razões:

1 — Não havia outra forma de combate eficiente imediatamente realizável para golpear o adversário e auxiliar a revolução no Nordeste;

2 — Era preciso escolher entre o posterior desarmamento mais ou menos sem luta das forças militares nacional-revolucionárias, que em grande parte eram conhecidas pelo adversário, devido a uma longa atividade parcialmente aberta e pública, ou então o início do combate num momento em que os revolucionários, se bem que já tivessem perdido o fator surpresa, ainda não tinham perdido a iniciativa;

3 — A plena convicção de que no caso de êxito ou no caso de uma luta mais demorada com perspectiva de sucesso, as massas operárias do Rio de Janeiro e grande parte do povo apoiariam ativamente a revolução e participariam da luta armada; se não fosse assim, razoável e ficou evidenciada pelo fato de que mesmo com o desenvolvimento desfavorável da luta armada, imediatamente 3.000 operários entraram em greve e as simpatias da massa estavam e estão ao lado dos revolucionários;

4 — E, finalmente, que a revolução nacional-libertadora considerava as forças militares do seu lado suficientes para depois de breves lutas numa série de quartéis passar à ofensiva externa.

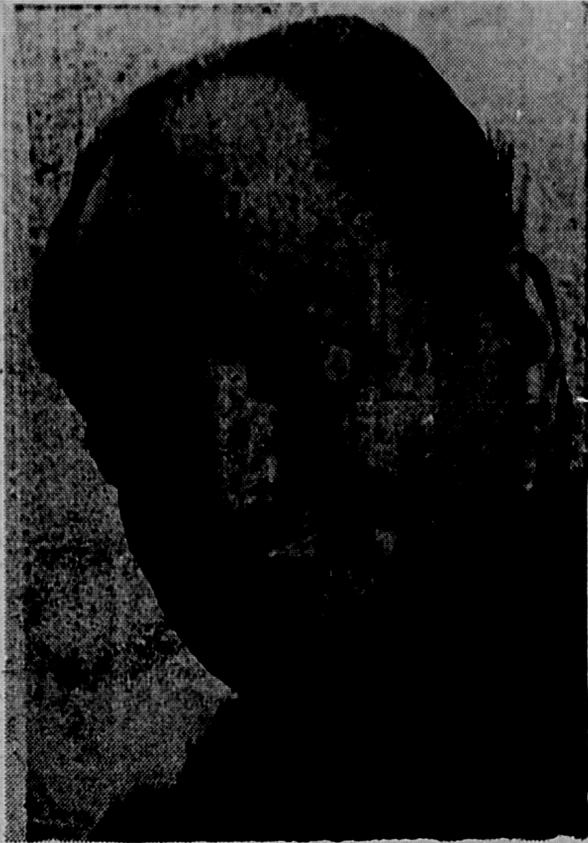
Uma tal ofensiva no Rio de Janeiro teria modificando fundamentalmente o futuro desenvolvimento da luta armada. As tropas le contração do adversário teriam vacilado e os vacilantes teriam aderido aos revolucionários. As massas teriam participado ativamente — o que não foi possível conseguir-se em grande escala uma vez fracassada a luta armada.

O fato de não se chegar a realizar uma ofensiva das tropas revolucionárias no Rio de Janeiro foi devido a terem sido estas impedidas logo no início de alastarem o movimento armado e efetivamente cercadas por outras tropas mais numerosas. Assim quebrou-se a força ofensiva das tropas revolucionárias no momento decisivo. Verificou-se também que as forças revolucionárias no Exército, decididas à luta, eram consideravelmente menores e que as forças do governo eram bastante mais fortes do que supunham os revolucionários nacional-libertadores. Além disso não se conseguiu trazer para a luta armada aquelas patilhas.

Apesar da luta armada no Rio de Janeiro ter terminado com uma derrota, seria falso chamar-se de êxito a luta armada em si. Combate heróico dos oficiais e soldados revolucionários contra uma enorme maioria; o fato de que pela primeira vez na capital do Brasil milhares de soldados levantaram as armas em defesa dos direitos do povo e por um governo popular-revolucionário com Prestes à frente — este fato, conjuntamente com as lutas insurrecionais no Nordeste iniciam uma nova e mais elevada fase no desenvolvimento da revolução brasileira: a passagem da agitação nacional revolucionária da A.N.L. para a luta armada pela libertação do Brasil do jugo do imperialismo e dos lacaios nacionais. Nessa luta, um grande parte do Exército Nacional e já hoje milhares de soldados e muitos oficiais ficaram comprovados como companheiros de armas de toda a confiança das massas exploradas. Novos quadros dirigentes nacional-revolucionários põem-se com enorme bravura ao lado do chefe do movimento nacional revolucionário, Luiz Carlos Prestes. Comunistas e não comunistas, bateram-se como nacional-revolucionários, lado a lado, sob uma direção única e pelo mesmo objetivo. Esta frente única forjada no fogo do combate recolherá nos futuros períodos da luta revolucionária tudo que há de precioso do povo brasileiro, todos os que desejam levar à prática a grande palavra de ordem — Pão, Terra e Liberdade.

Há ainda outro resultado positivo que provém dos levantes revolucionários. A revolução no Brasil não mais desaparecerá da ordem do dia. Os operários e soldados em armas que não puderam mais se manter em Recife e Natal deslocaram a luta armada para o interior. Munidos de uma grande ideia política, equipados com arma e munições, eles poderão reunir em torno de si milhares de novos combatentes ativos surgidos das fileiras das massas camponesas.

De tudo isto resulta a perspectiva e, no decorrer do tempo,



HARRY BERGER, UM NOME GLORIOSO E QUERIDO AO POVO BRASILEIRO

O NOME de Harry Berger (Arthur Ewert), grande dirigente do proletariado mundial, discípulo de Lenin e Stalin e companheiro de armas de Prestes, é um nome querido ao povo brasileiro.

Contra ele lançou a reação, nos dias da derrota temporária do movimento nacional-libertador em nossa Pátria e durante o negro período do Estado Novo, toda a lama que pôde, visando afastar das massas um dos seus mais destacados e fieis dirigentes revolucionários. Mas foi inútil porque, no cárcere, sofrendo terribes torturas físicas e morais, Berger mais uma vez demonstrou de que prodígios é capaz um lutador de tempera stalinista. Berger é um lutador dessa espécie. Jamais vacila ou se dobra, por mais difícil que seja a situação.

Tendo vindo ao Brasil para trazer à luta de nosso povo a rica experiência que já então possuía, os conselhos de seu gênio tático e da sua sabedoria marxista, ele caiu nas garras da reação. No passado, outros revolucionários vieram ao nosso país lutar ombro a ombro com o nosso povo. Garibaldi, exilado político como Berger, lutou pela República, de arma na mão, no Rio Grande. José Joaquim da Maia, companheiro de Tiradentes, foi a França pedir os conselhos de Jefferson. Harry Berger, líder da classe operária, não auxiliou

em sua luta emancipadora apenas o povo brasileiro. Nos Estados Unidos, durante a primeira guerra mundial, fora preso e processado por sua firme atitude internacionalista proletária. Na China, ajudou a luta do seu heróico povo e escudou seus pelotões de fusilamento do bandido Chiang Kai Shek. A aurora da liberdade que brilhou para o povo de Mao Tsé Tung tem em Berger um dos forjadores dos seus raios luminosos. Já era um líder de envergadura mundial quando veio para o Brasil, prosseguindo na infatigável ação de dirigente proletário que dedica todos os minutos de sua vida à mais nobre de todas as causas: a causa da revolução.

Preso em nosso país, recusou-se a prestar quaisquer declarações à polícia. As terribes foram as torturas que sofreu nas mãos da polícia de Vargas e de Felício, que perdeu a razão. Mas, interrogado uma e mil vezes da manhã à noite, nas madrugada dos sombrios calabouços da polícia, sua atitude foi sempre a mesma: nada declarar. Recusar-se sempre e inabalavelmente a falar. Apenas, e aí se comprovava o seu humanismo, à sua delicadeza de sentimento à altura de um dirigente da sua responsabilidade, em relação a Elisa Ewert disse que embora sua esposa comungasse as mesmas ideias que ele, esta não participava da classe operária, não auxiliava

(Conclui na pag. 13)



Harry Berger (Arthur Ewert), ao lado de sua irmã Mina Ewert que o veio buscar em nosso país, em 1945, quando foi preso em Natal.

também a possibilidade das forças revolucionárias infligirem ao adversário sérias derrotas. Assim, serão criadas as bases a partir das quais as forças revolucionárias — juntamente com um amplo movimento popular em cooperação com as lutas dos operários e camponeses — poderão passar à contra-ofensiva contra a reação e finalmente à vitória sobre os lacaios do imperialismo e do feudalismo, para instaurar um governo nacional-revolucionário com Luiz Carlos Prestes à frente.

O MANIFESTO DE PRESTES EM 5 DE JULHO, CHAMANDO O POVO À LUTA PELO PODER

O principal documento do movimento popular da Aliança Nacional Libertadora e o manifesto de 5 de julho, lançado por Prestes ao povo brasileiro. É esse manifesto histórico que imprimiu ao movimento da Aliança um caráter verdadeiramente revolucionário. Não, o Cavaleiro da Esperança analisa as condições da decadência econômica e da subordinação ao imperialismo a que já chegara o país em 1935, cantou a classe operária, o povo e todos os patriotas à luta pela destruição do feudalismo e do imperialismo e pelo poder e lança as bases do governo Popular Nacional Revolucionário.

Transcrevemos e seguimos trechos desse documento histórico. Não como se inicia o manifesto de 5 de julho:

TROAM os combates de Copacabana! Também os heróicos combates do Sitio Campesino Levantamos os combates de São Paulo, e durante vinte dias é a cidade operária barbaramente bombardeada pelas gerações e serviços de Bernadete! Depois — a retirada. A luta heróica nos sertões do Paraná! Os levantes do Rio Grande do Sul! A marcha da Coluna pelo interior de todo o país despertando as populações dos mais invulsos sertões para a luta contra os tiranos, que vão vendendo o Brasil ao capital estrangeiro. Quanta energia, quanto bravura! São treze anos de lutas cruentas, de combates sucessivos, de vitórias segundas, das mais negras traições, de ilusões que se desastam como bolhas de sabão ao sopro da realidade! Mas as lutas continuam porque a vitória ainda não foi alcançada e o lutador heróico é incapaz de ficar a meio caminho porque o objetivo a atingir é a libertação nacional, a sua unificação nacional, e seu progresso, e bem estar e a liberdade de seu povo, e o lutador persistente e heróico é esse mesmo povo que, do Amazonas ao Rio Grande do Sul, do litoral às fronteiras da Bolívia, está unificado mais pelo sofrimento, pela miséria e pela humilhação em que vegeta do que por uma unidade nacional impossível nas condições semi-feudais e semi-coloniais do Brasil de hoje! Nós, os aliados de todo o Brasil, mais uma vez levantamos, hoje, bem alto, a bandeira dos «Dezidos do Povo», a bandeira de Catanduvás, a bandeira que tremulou em 1925 nas portas de Teresina, depois de percorrer, de sul a norte, todo o Brasil! A Aliança Nacional Libertadora é hoje constituída da massa de milhões que continuam as lutas de ontem. A Aliança Nacional Libertadora é hoje a continuadora dos combates que pela libertação do Brasil do jugo imperialista iniciaram Siqueira Campos, Joaquim Távora, Portela, Benevolente, Cleto Campelo, Jansen de Melo, Djalmá Dutra e milhares de soldados, operários e camponeses em todo o Brasil. Somos herdeiros das melhores tradições revolucionárias de nosso povo e, recordando e memorizando de nossos heróis, que marchamos para a luta e para a vitória!

UMA PAGINA HISTORICA DE NOSSA LUTA LIBERTADORA

Os lutadores, contra o imperialismo e o feudalismo, pelas mais amplas liberdades democráticas.

DEFINEM-SE OS DOIS CAMPOS

Prestes mostra em seguida que os classes dominantes marcham ostensivamente cada dia mais abertamente para uma ditadura ainda mais bárbara — para a ditadura fascista, a forma e mais brutal, a mais feroz da ditadura dos exploradores. E diz:

«O duelo está travado. Os dois campos definem-se cada vez com maior clareza para as massas. De um lado, os que querem consolidar no Brasil o mais brutal ditadura fascista, liquidar os últimos direitos democráticos do povo e acabar a venda e a escravização do país ao capital estrangeiro. Deste lado — o integralismo, como brigada de choque terrorista da reação. De outro, todos os que nas fileiras da Aliança Nacional Libertadora querem defender a liberdade nacional, a terra e a liberdade para o seu povo.» E adiante: «A luta está travada entre os libertadores do Brasil de um lado e os traidores a serviço do imperialismo, de outro.»

AMPLA FRENTE UNICA NACIONAL

Prestes declara então não haver meio termo possível na luta e passa a analisar o caráter de frente única de movimento nacional libertador, colocando acima de quaisquer divergências políticas, religiosas, filosóficas ou ideológicas, a unidade dos brasileiros em todo o Brasil, de norte a sul, de este a oeste.

TAREFAS DO GOVERNO POPULAR

«O governo popular — afirma o Cavaleiro da Esperança — executando o programa da Aliança, unificará o Brasil e salvará a vida de milhões de trabalhadores esmagados pela fome, perseguidos pelas doenças e brutalmente explorados pelo imperialismo e pelos grandes proprietários. A distribuição das terras dos grandes latifundiários aumentará a atividade do comércio interno e abrirá o caminho a uma mais rápida industrialização do país, independentemente de qualquer controle imperialista. O governo popular vai abrir para a juventude brasileira as perspectivas de uma nova vida, garantindo-lhe trabalho, saúde e instrução.»

LUTA PELA UNIDADE SINDICAL

Depois de mostrar a importância da presença do programa de 36 e traçar um quadro das concessões das novas estradas de ferro, minas, portos, grandes extensões de nosso território ao capital financeiro imperialista, escreve o Cavaleiro da Esperança:

«A unificação nacional é por isso impossível sob a dominação imperialista. Só as grandes massas trabalhadoras de todo o país, juntamente com a parte da burguesia nacional não vendida ao imperialismo, serão capazes de através de um governo popular revolucionário e anti-imperialista, acabar com esse regionalismo, com a desintegração feudal, garantir a unidade nacional do Brasil e terminar com a desigualdade monstruosa que a dominação dos fazendeiros e imperialistas impôs ao país. Esta é a tarefa gigantesca da Aliança Nacional Libertadora que se apresenta aos olhos de todo o Brasil como a única organização realmente nacional, única organização onde os verdadeiros interesses do povo de cada Estado coincidem com os ideais objetivos que congregam, em todo o Brasil, de norte a sul, de este a oeste, o seguinte programa da gloriosa A.N.L., Prestes no Manifesto de 5 de Julho:

- 1 - Não pagamento nem reconhecimento das dívidas externas.
- 2 - Denúncia dos tratados anti-nacionais com o imperialismo.
- 3 - Nacionalização dos serviços públicos mais importantes e das empresas imperialistas que não se subordinam às leis do governo popular revolucionário.
- 4 - Jornada máxima de trabalho de 8 horas, seguro social (aposentadoria, etc.), aumento de salários, salário igual para igual trabalho, garantia de salário mínimo, satisfação dos demais pedidos do proletariado.
- 5 - Luta contra as condições escravagistas e feudais do trabalho.
- 6 - Distribuição entre a população pobre, camponesa e operária das terras e utilização das águas, tomadas sem indenização aos imperialistas, nos grandes proprietários mais reacionários e aos elementos reacionários da Igreja que lutam contra a libertação do Brasil e a emancipação do povo.
- 7 - Devolução das terras, arrebatadas pela violência, aos índios.
- 8 - Retas mais amplas liberdades populares, pela completa liquidação de quaisquer privilégios de raça, de cor ou de nacionalidade, pela mais completa liberdade religiosa e a separação da Igreja do Estado.
- 9 - Contra toda e qualquer guerra imperialista e pela estrita união com as Alianças Nacionais Libertadoras em todas as partes da América Latina e com todas as classes e povos oprimidos.

Como Repentou a Insurreição Nacional-libertadora no III R. I.

«O Comitê Revolucionário, sob minha direção, frente aos acontecimentos que se desenrolaram no norte do país e à ameaça de instalação de uma ditadura reacionária, decide que todas as forças da Revolução estejam prontas para lutar pelas liberdades populares e para dar o golpe definitivo no governo de traição nacional de Getúlio Vargas. Dia e hora serão oportunamente marcados.»

Rio de Janeiro, 26 de Novembro de 1935. — LUIZ CARLOS PRESTES.

A LUTA ARMADA NA PRAIA VERMELHA

O aviso do Cavaleiro da Esperança aos seus companheiros de armas e comandados foi publicado na «Manhã», órgão da Aliança Nacional Libertadora, de 27 de novembro de 1935. A hora em que circular o jornal já se desenvolvia a luta armada no III Regimento de Infantaria, em cumprimento às ordens de Prestes.

O efetivo — R.I., geralmente admitido como tropa de confiança do governo, era de 1.700 homens, organizados em três batalhões, uma companhia de metralhadoras pesadas e uma companhia extra. O número de oficiais era de cerca de 130.

A hora do Levante — três da madrugada — fora denunciada e a tropa, em rigorosa prontidão, armada e municada, mantinha-se de armas ensarilhadas, nos alojamentos, sob o olhar vigilante da maioria esmagadora da oficialidade governista.

Patrulhas armadas faziam a vigilância externa do quartel e, no pátio interno, dividido em setores, rondavam de revólvers nas mãos, oficiais governistas.

De lado dos nacional-libertadores a organização revolucionária dispunha de uma pequena célula de cerca de quinze militantes, e o núcleo aliãncista, ambos nucleando cerca de 25 elementos firmes e mais alguns passíveis de aderir mediante convite, inclusive uns quatro oficiais.

Exavia um plano de levantar o quartel, parte por não terem sido postas em prática as medidas adotadas da reação. De decisivo, além da firme determinação dos revolucionários, o comando nacional-libertador podia contar com um fator: o ímpeto revolucionário da tropa, despertado pela tenaz propaganda aliãncista.

DEFLAGRA A INSURREIÇÃO

A hora do levante foi antecipada, para que os revolucionários contassem com o fator surpresa. Em vez de 3 horas, 2,30 da madrugada.

A essa hora, o pelotão de vigilância, no pátio central do quartel, que estava sob o comando de um oficial revolucionário, ergueu os primeiros gritos de «Viva a Revolução», «Viva Luiz Carlos Prestes», «Viva a Aliança Nacional Libertadora».

Ao mesmo tempo, os vários elementos revolucionários dentro de cada alojamento procuravam arrebatrar o comando dos oficiais governistas.

Uma página épica da luta do povo brasileiro, sob a direção do proletariado, pela destruição do latifúndio e do jugo imperialista

sivos, mostravam a tropa finalidades do movimento. Em menos de dez minutos revolucionários de posse do Regimento e exceção de duas companhias de metralhadoras e de uma fração de tropa uns 30 homens que, como comandante e o Estado-maior do Regimento, se refugiaram, imobilizados, no Pátio Central.

TENTATIVAS DE SORTIDA

A confusão inicial dificultou a ligação entre o comando revolucionário e unidades rebeldes e que, às 3,30 pôde ser organizada a primeira tentativa de sair do quartel, o inimigo já havia tomado posições vantajosas que varriam as saídas do edifício. As tralhas de segurança externa e posteriormente elementos motorizados do Batalhão de Guardas impediram as tentativas de saída e o flanco esquerdo do quartel estreito corredor em este e a Pedra da Babilônia (Leme). Pouco mais tarde foi tentada uma nova saída através do corredor adjacente à Pedra da Babilônia. Novamente os revolucionários foram repellidos com saídas baixas.

Militantemente, a menos sobreviesse uma ajuda externa, era difícil a situação do comando revolucionário. Por isso, por volta das 5 horas, já dominada a situação interna, os revolucionários suspenderam fogo, tendo em vista de um período de parlamentação fêlo com o comandante das tropas atacantes e da 1ª Regia general Eurico Dutra, obedecendo as normas internas

nalmente consagradas, os nacional-libertadores cessaram fogo e receberam o parlamentar do governo que lhes entregou uma proposta de rendição firmada pelo próprio general Dutra: Tal proposta não estabelecia condições. Propunha simplesmente a deposição das armas pelas forças revolucionárias, baseando-se na superioridade numérica dos

atacantes. Os revolucionários repeliram a proposta nos seguintes termos.

General Dutra — Comandante da 1ª Regia Militar. O Regimento sob nosso comando não se renderá antes de termos o governo esmo-meador de Getúlio destruído. Concltamos a que o prezado camarada salve o Brasil de ser entregue em mãos estrangeiras por Ge-



GUARDIÃO DAS FROTEIRAS da Pátria dos Trabalhadores e sentinelas do Povo. O Exército Soviético, libertador de povos, merece a admiração e o carinho crescente dos homens e mulheres dignos de todo o mundo. Eis o marechal Alexandre Vassilievsky, ministro da Defesa da U.R.S.S., recebendo cumprimentos dos edidos militares em Moscou, ao chegar à Praça Vermelha para assistir e dirigir das tropas armadas em homenagem à Grande Revolução Socialista de Outubro.

O Exemplo de Agliberto Azevedo

RUY FACÓ

Entre os chefes militantes da insurreição nacional libertadora de novembro de 1935, destaca-se a figura de Agliberto Azevedo. Não foi acaso que o povo guardou o nome, como guardaria os nomes mais queridos e dedicados comandantes do movimento nacional-libertador, o soldado Luiz Carlos Prestes e Agliberto Azevedo e Agliberto Barata. A atuação de Agliberto na revolução de 35 coube aureolada pela bravura com que se comportou na luta armada.

Entre outros, como há 15 anos, Agliberto Azevedo resolveu a tudo. Uma simples resposta sua aos sicários da polícia de Dutra mostra a inabalável firmeza do revolucionário.

«Podem me matar, não farei nenhuma declaração. Incomunicável em Recife, sequestrado e espancado, submetido a longos períodos sem alimentação, confinado numa cela úmida e insalubre, transportado em seguida clandestinamente para o Rio — com o ridículo objetivo de intimidá-lo — novamente removido para Recife, Agliberto é como uma rocha. Inabalável. Diante dele não está mais que vermes, as cães policiais que o torturam e interrogam continuamente, numa vã tentativa

de quebrar-lhe a força de vontade e submetê-lo às infames designas da provocação anti-comunista.

Fracassados estes planos abjeto, não resta à tirania de Dutra senão manter encarcerado o bravo combatente de 1935, o companheiro de Luiz Carlos Prestes, o comunista Agliberto Azevedo. Injurecidos, os autores da provocação contra Agliberto fazem planos sinistros para a sua vida, que o povo defende exigindo sua libertação.

«Onde quer que haja um combatente da grande luta libertadora nacional, o exemplo de Agliberto estará presente. Por que usa expressão tão bela: Agliberto?

Por que essa resistência indomável? Por que essa decisão de preferir a morte a infamante capitulação diante do inimigo?

E a resposta é simples. Tudo isso tem sua origem na confiança depositada na classe operária e no povo. A firmeza revolucionária de Agliberto vem de sua fidelidade à causa do proletariado — a causa do socialismo. Vem da certeza absoluta de que, quaisquer que sejam as dificuldades, os sofrimentos e mesmo as derrotas passageiras da luta de libertação nacional que travamos hoje, o proletariado brasileiro — o proletariado da Rússia, da Europa oriental e da China — aliado às massas camponesas e sob a direção sábia de Luiz Carlos Prestes assegurará PAO aos que têm fome, conquistará a TERRA para os camponeses sem terra e, sobre as ruínas da tirania feudal-burguesa do Eurico Dutra e Getúlio Vargas, estabelecerá um regime de LIBERDADE E PAZ para todo o povo.

«O telegrama (firmado) pelo capitão Agliberto Barata, comandante do Regimento Insurreto. Pelo mesmo caminho foi enviado um apelo ao Batalhão de Guardas, para este tomar parte na Revolução, atendendo aos seus objetivos patrióticos.

Pouco depois a reação inclinou o ataque e desencadeou violentíssima bombardeio de artilharia, que incendiou e destruiu o antigo quartel da Praia Vermelha. Um destróier e um aviso de guerra da Marinha vieram se postar nas proximidades da praia enquanto eram colocadas armas automáticas nos morros da Urca e da Babilônia.

«Casas PAAE OS MINKIROS — Os mineiros da região do Donbass receberam 70 mil novas habitações. Onze mil mineiros construíram casas próprias. O Banco do Estado fez empréstimos a longo prazo e proporcionou transporte gratuito de material a fim de que os mineiros pudessem construir suas casas próprias. No ano corrente, a construção de casas de moradia para os mineiros soviéticos adquiriu maiores proporções. Dentro em breve, 99 mil famílias de mineiros receberão suas viviendas»

«PARA A GRANDE REPRESA — A empresa de máquinas elétricas da Ucrânia terminou a concordada feita para a construção da maior central hidro-elétrica do mundo, a de Kuibichev, no rio Volga. Os operários dessa empresa de material elétrico terminaram a construção de máquinas de ar comprimido. Presentemente, iniciam outra importante encomenda destinada à 2ª central hidro-elétrica, de Stalingrado.»

NOTICIAS Da União Soviética

30.º ANIVERSÁRIO — A República Socialista Soviética da Daquistão completou a 13 de novembro sua 30.ª aniversário. Esta República está situada no norte do Cáucaso e faz parte da República Federativa Russa. Decorridos 30 anos de sua fundação, ajudado por todas as povos da União Soviética, o povo da Daquistão conquistou grandes vitórias no sentido de seu bem-estar material e cultural. A produção aumentou 16 vezes nestes 30 anos. Além de muitos estabelecimentos de ensino primário, há 17 estabelecimentos de ensino secundário e 5 de ensino superior. Foi completamente liquidado o analfabetismo. Criaram-se cinemas, teatros, bibliotecas, etc., vivendo o povo da Daquistão uma vida próspera e feliz.

«CASAS PAAE OS MINKIROS — Os mineiros da região do Donbass receberam 70 mil novas habitações. Onze mil mineiros construíram casas próprias. O Banco do Estado fez empréstimos a longo prazo e proporcionou transporte gratuito de material a fim de que os mineiros pudessem construir suas casas próprias. No ano corrente, a construção de casas de moradia para os mineiros soviéticos adquiriu maiores proporções. Dentro em breve, 99 mil famílias de mineiros receberão suas viviendas»

«PARA A GRANDE REPRESA — A empresa de máquinas elétricas da Ucrânia terminou a concordada feita para a construção da maior central hidro-elétrica do mundo, a de Kuibichev, no rio Volga. Os operários dessa empresa de material elétrico terminaram a construção de máquinas de ar comprimido. Presentemente, iniciam outra importante encomenda destinada à 2ª central hidro-elétrica, de Stalingrado.»

A VIDA NA U.R.S.S.

O CIDADÃO SOVIÉTICO POSSUI CASA PRÓPRIA?

TODO cidadão soviético tem direito de possuir uma casa. Este direito lhe é reconhecido por lei. E não se trata de um direito teórico. Muitos mesocitãos possuem sua casa de campo nos arredores de Moscou. De uma maneira geral, a imensa maioria dos camponeses da U.R.S.S. tem sua casa própria, construída por eles mesmos ou herdada de seus pais. Mas, nas cidades, não é assim, e pela razão seguinte. Quando depois da Revolução de Outubro, a quase totalidade dos fundos imobiliários foi declarada propriedade do Estado, todos as casas grandes e médias passaram à propriedade do Estado e deixaram de ser uma fonte de lucro e especulação. Ao mesmo tempo que se tornava propriedade dos fundos imobiliários, o Estado soviético tomava a seu cargo a construção de grandes imóveis de habitação, de cidades operárias. Tomava a seu cargo não só a política de habitação. Já no primeiro plano econômico stalinista, um programa grandioso de construção de casas de morar foi iniciado. Cada plano quinquenal trazia sua contribuição de novas casas para os trabalhadores e todo o povo.

Com a guerra e as destruições terríveis que ela acarretou, a situação se modificou. Se bem que continui a empreender a totalidade do programa de construção de habitações, o Estado Soviético estimula, desde o fim da guerra, os habitantes das cidades a adquirir casas, a título de propriedade pessoal. Lanchando mão desta medida, o Estado Soviético, sem abandonar os toques de cessar fogo e de remessa de parlamentar. Abusando dessa circunstância, frações da tropa governamental infiltraram-se através do corredor junto à Pedra da Babilônia. Os dois parlamentares das forças revolucionárias foram alvoçados e em vão tentaram cumprir a missão pacífica de que estavam investidos. As tropas do governo nem respeitavam a norma militar internacionalmente consagrada da parlamentariedade, nem sequer retribuíam o gesto dos revolucionários que haviam acolhido seu emissário e respeitado sua integridade.

Pouco depois era a rendição e o desfile dos heróicos revolucionários da Praia Vermelha, que a exemplo de seus companheiros do Rio Grande do Norte, de Pernambuco e do Regimento Escola de Aviação se ergueram em armas contra a ascensão do fascismo, pela liquidação do imperialismo e do latifúndio e por um governo popular nacional-revolucionário capaz de cumprir o programa progressista da Aliança Nacional Libertadora. Eles sobreviveram e 27 de novembro de 1935

rança, dirigente máximo do glorioso Partido Comunista do Brasil, organizador e guia da Revolução e da conquista da democracia popular por nosso país.



MARIO COUTO - Heroi do Povo Gauche E de Nossa Luta Nacional Libertadora

Fernando Melo, autor do presente artigo, era um jovem, bravo e talentoso militante comunista que chegou à direção do Comitê Estadual do P. C. no Rio Grande do Sul, morreu em 1939, vítima de insidiosa maldade que não pôde ser vencida pelas prisões anteriores que passara em sua vida de revolucionário proletário. Fernando Melo era também dotado de talento literário, tendo deixado inédito um livro de poemas em que celebra a vida e os acontecimentos culminantes do Partido de 15 a 48. Seu artigo é de Dezembro de 48.

FERNANDO MELO

se o grosso do ataque. A reação do governo de Vargas tudo fazia para impedir a luta dos trabalhadores e liquidar sua vanguarda política. Apoiava os integralistas que se erguiam no país como credores nacionais e salvadores da ebrasilidade cristã, como brigada de choque contra a classe operária e seu Partido. Eis porque, os comunistas combatiam, com toda a energia — apesar das duras condições reinantes — os camisas brancas de Plínio Salgado, embebedos dos ensinamentos de Mussolini e de Hitler.

fascistização do país. O Parlamento capitulava vergonhosamente. O Ministério do Trabalho, criado para «harmonizar» a luta de classes, revelava-se um órgão da reação, como todos os outros, procurando «fidelizar» o

Mário Couto, estudioso dos problemas nacionais, político da classe operária, deixou a Faculdade de Medicina e resolveu não exercer sua profissão, ingressando nas fileiras do Partido e tornando-se dele funcionário, cooperando da causa operária. Cortara de uma só vez os vínculos que o prendiam à classe dominante, dedicando-se inteiramente à revolução. Naquele transcurso crítico por que atravessava o país em janeiro de 37, a camarada Mário Couto era o «gente do Partido» no Rio Grande do Sul. Jovem, dinâmico e combativo, era ele o homem mais temido e procurado pela reação — as forças policiais de Flores da Cunha. Viam-no em toda parte. Como dirigente, o camarada Mário não ficava fechado num gabinete a expedir ordens. Desfilava pelas bases do Partido. Percorria o Estado de ponta a ponta, dando assistência política aos comitês locais, de zona, e às células fundamentais. Ainda hoje, que visitamos os bairros operários de Pelotas ou Rio Verde, de Porto Alegre e tantos outros municípios, ouvimos referências ao nome de Mário Couto. Enérgico e inflexível no que respeitava à execução das tarefas traçadas, sabia ser o companheiro e o amigo nas horas mais duras. A polícia não descansava. Fartava com seu focinho por todos os cantos, procurando aquele agitador. Várias vezes, Mário foi apanhado, sendo deportado para o Uruguai ou preso nas masmorras do governo. Largavam-no no país vizinho, mas ele voltava, vencendo todas as dificuldades, burlando a vigilância policial e vindo se pôr, de novo, à frente do Partido. Não descansava nem desanimava jamais. Atravessava ao trabalho

FOI NA TARDE do dia 17 de Janeiro de 1935. Ouviram-se, nitidamente, diversas detonações de arma de fogo, entre os ruidos que enchiam a Avenida Oswaldo Aranha, em Porto Alegre. No corpo franzino do homem cravaram-se os projéteis das armas assassinas da polícia política do governador Flores da Cunha. Diz-se-lhe que os esbirros da reação queriam matar, naquele corpo, o povo, a própria classe operária. Cada bala encrustada na carne levava o ódio impetuoso dos exploradores contra a força invencível dos milhões de explorados. A fúria do crime revelava o modo dos criminosos, modo daquele cujo sangue escorria abundantemente dos ferimentos abertos, modo daquele representava aquele homem — a vontade do proletariado, a vontade do povo, a resistência viva ao regime de opressão e de fome que Getúlio Vargas instaurava no país, em nome do que de mais retrógrado havia em nossa história: o latifúndio, aliado ao imperialismo. As classes dominantes imitavam com entusiasmo o fascismo que Mussolini e Hitler ateavam na Europa.

A notícia de sua morte alastrou-se rapidamente por todo o Rio Grande do Sul e repercutiu dolorosamente no Brasil inteiro. A revista «T.A.S.», publicada em Porto Alegre, em sua edição de 22 de Janeiro de 1935, assim assinalava o ocorrido: «Tombou no tarde de 17 do corrente varado pelas balas da polícia o corpo incansável do batalhador da causa dos explorados e oprimidos: Mário Couto».

Sua morte se fazia sentir não só no seio do Partido Comunista onde ocupava o importante posto de Secretário do Comitê Regional, mas também entre as amplas massas trabalhadoras gauchas que tinham em Mário Couto um dirigente desinteressado e combativo, um abnegado defensor de seus direitos contra a exploração brutal da classe dominante e a opressão fascista do governo de Flores da Cunha.

Mário Couto morria num momento em que a classe operária, o povo brasileiro se lançava numa batalha contra a fascistização do país e a entrega da pátria aos trusts e monopólios estrangeiros.

A crise geral do capitalismo, que rebentara em 1929, se fazia sentir de uma forma particularmente aguda na economia nacional. O governo de Getúlio Vargas, apoiado no latifúndio e na burguesia financeira, amparava a exploração estrangeira e voltava os olhos para o exemplo que Hitler e Mussolini ofereciam à reação mundial. O capital estrangeiro agarrava-se já a nossa indústria, o café, as plantações de algodão, a fazenda, as grandes empresas de transporte e pontos estratégicos da economia brasileira. O imperialismo japonês lançava-se com insistência sobre as fronteiras amazônicas. No Paraná ocupava enorme área territorial. A produção nacional de açúcar decrescia tanto a agrícola e pecuária como

a industrial. O café para exportação baixava de preço. Os déficits eram enormes. Vargas, alarmado com a situação, enviava o seu Ministro da Fazenda aos mercados de Londres e Nova Iorque. Como sempre, a classe dominante só enxergava uma saída para tão grave situação: aumentar a exploração, descarregar o peso da crise nas costas do proletariado e das misérrimas massas camponesas. Os patrões provocavam a diminuição dos já mecos salários dos trabalhadores. A modernização da indústria açucareira, com o aparecimento das usinas, criava uma nova contradição, lançando ao desemprego grande número de homens. O começo de mecanização na agricultura, em São Paulo, provocava, também, em larga escala, a inatividade de centenas de braços. Com a baixa do mercado interno, originada pelo índice mínimo a que haviam descido os salários e a capacidade aquisitiva das grandes massas, a indústria ingressava no regime da diminuição da produção, a fim de aumentar os preços dos produtos. Ia-se adotando a generalização do sistema dos três dias de trabalho por semana. A falta de trabalho se acentuava assustadoramente com negra perspectiva de maior e mais desastrosa miséria para o povo.

Diante de tal situação, o descontentamento popular tomava vulto. Erguia-se a classe operária em poderoso movimento grevista que se desenvolvia em todo o país e levava ao desespero e ao pânico as classes dominantes. No Paraná, o rail operário paralisava o trabalho. Em Macaé, Assis, e Areia Branca, os trabalhadores chegaram a instalar Conselhos Operários, revelando alto nível de consciência política. No Lido, na Cantareira, nos Correios e Telefônios, na Central da Bugal, na Oeste de Minas, estouravam movimentos grevistas de larga repercussão. Os operários exigiam, de maneira geral, aumento de salários, melhores condições de trabalho e direito de reunião.

O Partido comunista, como partido de vanguarda, colaborava-se à frente do movimento operário, intensificava sua luta contra o governo de Getúlio Vargas que arrastava o país ao despotismo fascista e a uma situação calamitosa de fome e miséria. Mesmo sendo um partido ainda pequeno, fortemente influenciado por ideologias extrínsecas ao proletariado, o Partido Comunista conseguiu, não obstante, liderar a classe operária em sua luta.

Era nestas circunstâncias que Mário Couto dirigia, juntamente com os demais companheiros do Comitê Regional, o Partido no Rio Grande do Sul.

Embora ainda não se tivesse uma idéia bastante clara do caráter da revolução e se subestimasse o papel do aliado fundamental, as massas exploradas do campo, já se assinalavam os inimigos: o latifúndio e o imperialismo. E contra esses inimigos lançava-

No Estado, o Partido vanguardava a classe operária gaucha nos seus movimentos reivindicatórios e procurava lança-la à greve geral. O Partido compreendia que, contra a reação do governo e o avanço do imperialismo, era preciso lançar um poderoso e organizado movimento de massas que barrasse sua marcha.

No dia 11 de Janeiro, os têxteis de Porto Alegre declararam-se em greve, exigindo aumento de salários, higiene nos locais de trabalho, sábado inglês, jornada de 8 horas para os adultos e de 6 para os menores e as mulheres. Preparava-se, ativamente, movimentos parecidos em outros setores importantes e se dedicava particular atenção aos tra-



balhadores da Carris Portolegrense.

Verificava-se, assim, um ascenso considerável do movimento de massas que haveria de desembocar na poderosa organização da Aliança Nacional Libertadora, lançada em julho daquele ano. O programa, traçado por Prestes, já definiu de maneira mais clara os objetivos e o caráter da revolução brasileira — a luta anti-imperialista.

A reação, porém, com o poder político nas mãos, lançou, naquele momento, todo o aparelho do Estado na repressão do movimento ascendente do proletariado. No Parlamento de capitulação, encobria-se já a espera de provocação, a famigerada Lei de Segurança, essa mesma que Dutra hoje retira dos arquivos da ditadura Vargas para perseguir e prender os patriotas que lutam pela libertação nacional do jugo imperialista de Wall Stey.

A polícia política aperfeiçoava seus métodos segundo o modelo do fascismo corporativo. Comissões, invadindo sindicatos, apriava os operários da vanguarda, torturava e matava os militantes comunistas que lhes caíam nas mãos tintas de sangue. Dois comícios realizados na frente ao Teatro João Caetano, no Rio, nos dias 25 de agosto e 23 de setembro, foram desbaratados a bala e a pata de cavalo e diversos operários e homens do povo morreram vítimas da brutalidade policial. As passeatas populares contra o integralismo eram proibidas ou dissolvidas com violência inaudita. A justiça aparejava a contra-ofensiva da reação, condenando sistematicamente os comunistas que ousavam se opor ativamente

com ardor e confiança na vitória final da causa que abraçara. Apesar das duras condições da reação, opressão e perseguições de toda sorte, Mário Couto matinha-se à altura dos postos que ocupava. Seu nome era ouvido com carinho e respeito nas reuniões operárias. Em Porto Alegre, a «Voz do Trabalhador» órgão legal das massas, instância da classe operária, era a voz do povo gauche e de sua vanguarda política, alimentada por Mário Couto. Aquela desorganização, publicava-se ainda a revista «T.A.S.», revista teórica, de divulgação marxista e das experiências da construção socialista na U.R.S.S. «T.A.S.» amava os militantes comunistas com a teoria de vanguarda, o marxismo-leninismo. Suas iniciais significavam: Tese, Antítese e Síntese. Como se vê, o Partido não descuidava o trabalho de educação ideológica e política, nem a agitação e a propaganda.

Aquele Janeiro inaugurava um ano de gloriosas lutas que culminariam na insurreição de novembro, chefiada por Luiz Carlos Prestes. Mas, o camarada Mário Couto, odiado pela reação, perseguido e torturado nos cárceres de Getúlio e de Flores, não teria a ventura de participar da luta armada contra a fascistização da pátria. Quando instruído os companheiros da Carris Portolegrense e trazera com eles as ordens de direção da greve que devia estalar naquela empresa imperialista, foi preso pelos beleguins policiais da

Quinta, pela estirpe inextinguível das opressões de hantão, pela colaboração dos dissídios e unanimidade da povo legitimamente representado por seus líderes, marceneiros, operários e camponeses, inaugurada no Brasil a era da liberdade, senhada por tantos mártires, cristalizada e operária. Cada um figura legendaria — o insurreto no amor e na confiança desistatária dos humildes — de LUÍZ CARLOS PRESTES, o «Cavaleiro da Esperança»!

Fac-símile do cabeçalho do Jornal «A Liberdade», órgão oficial do governo popular revolucionário instaurado no Rio Grande do Norte. O governo saiu da insurreição nacional-libertadora naquele Estado

Tiro ao Alvo

EGIDIO SQUEFF

Já repararam que todos os anos chove quando chega o 27 de novembro? No ano passado o general Dutra saiu do cemitério São João Batista com o quepi todo molhado, os oradores que falaram contra o comunismo tiveram que falar depressa, com um olho no céu e outro no papel.

Por essas e outras tenho dúvidas bem fundadas de que Deus seja anti-comunista, como afirma o padre Arlindo Vieira. Este piedoso sacerdote, por sinal, na semana passada prometeu que Deus destruiria a Rússia comunista, embora não explicasse se com raios celestes ou uma chuva de bombas atômicas.

No princípio o padre Arlindo depositava suas esperanças em Hitler, que falhou lamentavelmente.

Agora apela alternadamente para Truman e para Deus, e a vez em quando para o Chefe de Polícia.

Na Coreia começaram a cair as primeiras neadas. Um correspondente americano escreveu: «O nosso pior inimigo é o tempo, depois dos guerrilheiros comunistas». Mas quando suas tropas foram para a Coreia Truman não havia invocado a proteção divina? «Que Deus guie os nossos soldados!» — disse ele. Alguns pelo menos não há dúvida que serão guiados de volta para os E.E. Unidos, se não insistirem.

Mac Arthur também invocou a proteção de Deus. Depois mandou seus pilotos despejarem 40.000 bombas incendiárias sobre a população de Khaki.

Em vi Pyongyang em chamas — escreveu o correspondente Roy Pope — não havia uma casa intacta. Mulheres seminudas com os filhos ao colo soltavam gritos selvagens de pânico.

Mas Truman continua a invocar a proteção de Deus.

O governo vai comemorar novamente 27 de novembro, para estimular o comunismo ateu. Choverá outra vez?

No momento em que escrevo as nuvens cobrem o sol. Mas os jornais anunciam que as comemorações este ano no São João Batista terão um esplendor esplendor. Pobre esplendor de cemitério! Eles celebram nas catacumbas, com medo das ruas. Até hoje não conseguiram, passados quinze anos da revolução nacional-libertadora, nenhuma manifestação de solidariedade popular à sangrenta repressão policial-fascista de 27 de novembro.

Hoje estamos em marcha novamente. E do coração do continente: Prestes de novo no comando.

Conduzido num auto, como nos corajosamente quando procurava escapar da reação, foi ciminosamente alvejado pelos sicários e lançado do alto de balas.

Foi uma grande perda para o Partido a classe operária, mas não conseguiram deter a luta por esse crime. Sem dúvida, seu morte contribuiu para o enfraquecimento momentâneo do movimento, e o fracasso da greve geral, mas a luta prosseguiu e em novembro daquele ano atingiu seu auge com a insurreição armada do povo.

O nome de Mário Couto foi desiludido em bandeira: um exemplo de militante a seguir. Ao seu enterro, grande número de operários compareceu, levando sua solidariedade ao companheiro morto. Quiseram cobrir seu caixão com uma bandeira vermelha como o sangue generoso que correu de seu corpo. Mas a polícia impediu. Apenas puderam cobrir o seu rosto com um pequeno retângulo de fazenda encarnada. Ao seu lado, estava sua noiva os seus camaradas de Partido, os seus companheiros trabalhadores. A polícia não conseguia intimidar os presentes. E a revista «T.A.S.», encerrando um comentário à morte, escrevia: «Respondamos, companheiros, ao essa inato de Mário Couto, intensificando a luta contra o regime capitalista, fortalecendo o organismo revolucionário e desmascarando as marobras fascistas e reacionárias do governo».

Hoje, como ontem, diante dos nossos mortos que tombaram, devemos honrá-los conquistando os vivos, conquistando as mais amplas massas populares para a luta.

A CHACINA DO PRESIDIO MARIA ZELIA

JOAQUIM CAMARA FERREIRA

Na noite de 21 de abril de 1937 um pugno de patriotas, um punhado de jovens e heroicos comunistas, foi trucidado com requintes de selvageria e crueldade no pátio do presídio Maria Zélia, em São Paulo. Esse crime hediondo marca para sempre o latifundiário e demagogo Getúlio Vargas como um dos mais ferozes inimigos da classe operária.



Augusto Pinto, assassinado no "Maria Zélia"

Era precisamente esse espirito indomável que enchia de odio a reação. Odio impotente contra homens da fibra de um Augusto Pinto, um dos mais queridos e respeitados companheiros de prisão. Em torno de Augusto Pinto os encarcerados estavam sempre reunidos, atraídos pelo seu otimismo irreduzível, pela riqueza de seus conhecimentos, pela firmeza de sua argumentação. Era ele um dos professores da organização de estudos que mantinham os presos de Maria Zélia.

A reação estava à espreita de qualquer pretexto para realizar um massacre contra esses homens que não se rendiam, que permaneciam fiéis à classe operária, que ansiavam pela liberdade para prosseguir a grande luta nacional-libertadora.

Os elementos mais esclarecidos da prisão começaram a encetar com seriedade e resolução a possibilidade de fuga. Chegavam informações que deixavam bem claro o golpe fascista que se consumaria a 10 de novembro de 1937, tendo à frente o bando de Vargas-Dutra-Góis-Filinto. Era preciso reconquistar a liberdade para ajudar a levantar as massas e apressar a organização da frente democrática que barrasse a conspiração fascista. Assim se orientavam os revolucionários, mas os aventureiros tinham outros objetivos.

O chão do presídio foi cavado profundamente e, através do alcece, feita uma galeria para a rua. No entanto, um traidor policial, José Castro Correia, arrebatou a crôsta do reboco que escondia o buraco na parede, precipitando assim os acontecimentos. Era a noite de 21 de abril de 1937. Os responsáveis reuniram-se rapidamente e resolveram pela fuga, apesar do dia improprio, pois estava marcado um comício para a Praça da Sé que fora proibido e o policiamento estava reforçado tanto no presídio como na cidade.

Sairam 33 homens, 7 além do plano, que outro traidor, Davino Francisco dos Santos, acrescentou por sua própria conta. Desses 33 somente 2 conseguiram burlar os guardas e ganhar a rua. Os outros estavam quase todos fora, ao ar livre, quando pipocaram os primeiros tiros e soaram as seréas de alarme. O trotskista José Stacchini arrastou alguns elementos consigo, voltando para o buraco logo que ouviu o primeiro tiro. Com sua atitude covarde, semeou a confusão entre os presos. Em poucos momentos estava tudo tomado por forças policiais cada vez mais numerosas. A fuga fracassara e a resistência era praticamente impossível. Eram 20 homens desarmados diante de quase duzentos bandidos armados até os dentes.

Os prisioneiros foram colocados contra a parede, de costas. Presentando a intenção dos facinorosos policiais, Augusto Pinto lançou um protesto de verdadeiro comandante nessa hora difícil, bradando para os policiais:

Miseráveis! Querem fuzilar pelas costas homens indefesos!

Mas os facinorosos estavam sedentos de

sangue humano. A escorta que acompanhava o ultimo grupo de cinco prisioneiros tornou um semi-circulo em torno de Augusto Pinto, José Constâncio da Costa, Oscar Reis, Antônio Donoso Vidal e Naurício Maciel Mendes. A sete metros de distância, essa escorta, comandada pelo facinoroso Gregório Kovalenko cuspiu a primeira rajada de metralhadoras contra os presos. Era a chacina há tanto premeditada. Os soldados descarregavam e carregavam os fusis, apontando para a cabeça dos prisioneiros. Cada gemido — um tiro. Cada movimento — uma rajada. De repente, silêncio. Kovalenko aproxima-se de Naurício e golpeia furiosamente o crânio de um homem inerte, já abatido, até ver sair a massa encefálica. Kovalenko aproxima-se de Donoso para fazer o mesmo. Prepara-se para golpear. Mas nesse momento a cena terrível se ilumina fortemente. São os faróis do carro da assistência que acabava de chegar, focalizando o assassino Kovalenko. O barulho da assistência grita para os bandidos: — Pare. A assistência chegou e sua ação terminou.

Mas já havia três mortos: Augusto Pinto, Naurício Maciel e Constâncio Costa. A assistência recolheu também outro cadáver: o de João Variota, que tinha escapado isoladamente e nem chegou a ser preso: foi caçado a tiros e liquidado a golpes de baloneta.

A justiça das classes dominantes absolveu os bandidos que assassinaram esses combatentes da libertação nacional e da luta contra a fascistização do país. Mas o povo jamais esquecerá os seus nomes. O russo branco Gregório Kovalenko é hoje fazendeiro em São Carlos. Os outros executores da chacina de Maria Zélia foram Francisco Dulinski, Etelvino Domingues Pais, tenente Pantaleão de Lima, inspetor José Pereira Leite, guardas Antônio Teodoro Fraga, Gregório Adauto de Andrade, Nicodemo Dutra da Rosa, Rafael Abilei Retamero, José Felix de Moraes, Manoel Alexandre dos Reis, Osvaldo Romano, Eduardo Pinha, Alberto Zanini, Bernardino Gonçalves Ferreira, Luis Cesar e Luis Arruda Silveira. Esses monstros conhecerão um dia a justiça do povo.

Na prisão, o jornal Juventude traduziu o sentimento revolucionário dos sobreviventes, escrevendo depois da chacina:

Enganam-se os que pensam poder sustar nossa marcha para o futuro com a barreira de seus atentados monstruosos. Enganam-se se presumem que vamos nos deter diante de seus infames atentados. Apenas um minuto nos deteremos. Será diante dos cadáveres dos nossos queridos irmãos de jornada, para reafirmarmos à sua memória e a nós mesmos que havemos de prosseguir, prosseguir qualquer que sejam os impelidos na construção de um futuro melhor. É impossível parar.

A nossa frente estava cada vez mais viva a bandeira da Revolução Nacional-Libertadora: PAO — TERRA — LIBERDADE.

ENEIAS JORGE, Modelo de combatente anti-fascista

Enéias Jorge era natural do município de Carnarú, em Pernambuco. Anão jovem ingressou na Escola de Sargentos da Aviação, em 1932, onde logo se fez notado pela intransigência com que defendia os interesses de seus companheiros e combatia as injustiças reinantes naquela corporação militar. Desde logo, foi por isso, apontado pelos oficiais reacionários e por eles perseguido como um «revolucionário», como um «comunista».

Enéias, porém, não era ainda um membro do Partido. Mas um homem do povo, fiel aos interesses do povo e que desejava dias felizes e livres para o nosso povo latino-americano e oprimido. Por isso, ao irromper o movimento armado de 1935, a Escola de Aviação, Enéias não vacilou um só instante: seguiu o caminho dos patriotas, e caminhou dos nacional-libertadores. Sua bravura gravou-se na memória dos companheiros de luta. Não via pela frente nem o perigo nem as dificuldades: queria a vitória da Revolução e por isso enfrentou com audácia e sempre na vanguarda todos os instantes críticos da luta.

Com a derrota da insurreção, Enéias Jorge, como milhares de outros nacional-libertadores foi preso e submetido às torturas mais atrozes. Mas sua fibra não cedeu e um dos mais firmes revolucionários ao enfrentar as feras de Vargas e Felinto Miller. No cárcere, Enéias encontra o posto de combate a que tem direito: o posto de militante do Partido Comunista do Brasil. Em julho de 1937 o jovem revolucionário é posto em liberdade, com a chamada «marcha da» e em liberdade, o combatente anti-fascista demonstra a firmeza de suas convicções: por essa época os bandos fascistas apoiados pelos imperialistas ingleses, franceses e alemães, agredem o povo espanhol e ensanguentam o solo da pátria de Pizarro. Enéias é um combatente anti-fascista e resolve combater o fascismo onde ele se ergue mais agressivo. Segue clandestinamente para a Espanha, onde se junta às gloriosas Brigadas Internacionais. Enéias é agora um dos mais audazes pilotos da Aviação Republicana Espanhola em luta contra as hordas de Hitler, Mussolini e Franco. Enéias Jorge faz prodígios de heroísmo e seu nome aparece citado nas ordens do dia da República Espanhola. Em março de 1938 seu aparelho é abatido em combate com os aviões nazistas.

Logo após o fechamento da Aliança Nacional-Libertadora, armado com as Leis fascistas como o «Estado de Guerra» e a odiosa «Lei de Segurança», o governo de Getúlio mergulhou numa onda de crimes e violências contra a classe operária e sua vanguarda, atirou-se como lobo feroz sobre os direitos e franquias dos cidadãos visando quebrar a resistência democrática, anti-fascista e anti-imperialista.

Maria Zélia era um instrumento da reação, mas infundia medo a reação. Nem o mais negro terror policial conseguia dominar os presos, cujo moral se mantinha sempre alto. Em certos períodos, mais de mil presos políticos se amontoavam atrás das grades metálicas do cárcere de Maria Zélia. As torturas físicas e morais, as constantes provocações e ameaças de fuzilamento não conseguiram impedir que os patriotas temporariamente batidos se mantivessem coesos, organizados, com uma intensa vida política, um ativo trabalho de solidariedade, um ambiente de estudos e viva preparação para futuras batalhas pela libertação nacional. A organização comunista dentro do presídio, preparava os presos para futuras lutas, maninha acesa a flama revolucionária.

OS HEROIS DE 35

HERMENEGILDO DE ASSIS BRASIL

HERMENEGILDO de Assis Brasil foi um dos breves de novembro de 1935. Sendo apenas 25 anos, destacou-se no levante da Escola de Aviação Militar, no Campo dos Afonsos.

Sua vida progressista estava estreitamente ligada ao povo aos anseios de libertação das grandes massas com as quais ele tomara contato em plena juventude, estimulando principalmente pelos feitos legendários de Luiz Carlos Prestes à frente da Coluna Invicta.

Em outubro de 1930, como soldado servindo na Fábrica de Cartuchos do Realengo Hermenegildo de Assis Brasil, contendo apenas 20 anos, conspirava com os revolucionários que mais tarde trariam o movimento armado que naquele ano substituiria Washington Luiz por Getúlio Vargas.

Depois, Hermenegildo compreendeu que somente o movimento revolucionário que objetivasse a derrocada das classes dominantes e a vitória da classe operária poderia libertar o país da situação de atraso em que se arrastava há séculos.

Foi depois de perdidas as ilusões pequeno-burguesas no movimento de 30, que Hermenegildo ingressou no Partido Comunista. Trabalhando com uma pequena burocracia que conseguira

instalar com a ajuda de amigos, colocava sua oficina a serviço do Partido, imprimindo grande parte do material de agitação e propaganda de que o Partido necessitava.

Nessa oficina ocorre a sua primeira prisão como membro do Partido Comunista. Mas, nas garras da polícia de Vargas, revela sua fibra de revolucionário de homem que confia na classe operária e na vitória final do socialismo. Submetido a torturas repetidas vezes, desafia seus algozes:

— Vocês, que se dizem homens, seriam mais dignos se me mandassem fuzilar do invés de me espancarem. De qualquer modo — acrescentava — vocês perdem tempo. Eu nada lhes direi.

Forjava-se o combatente revolucionário de 27 de novembro de 1935.

Estavam então aquartelados no Campo dos Afonsos três unidades de aviação: a Escola de Aviação Militar, o Regimento Escola e a unidade de infantaria de guarda. Hermenegildo de Assis Brasil era o secretário político da seção de célula dos

última unidade. Como tal foi o organizador e executor mais responsável do plano de levante e de desencadeamento da luta na madrugada heroica de 27 de novembro de 1935 naquela unidade.

Na jornada, tomaram parte entre outros os dirigentes comunistas José Ribeiro Filho, o soldado Mineirinho, secretário político da célula do Campo dos Afonsos, e a seu lado combateu o valente cabo João Afonso da Costa, que alguns meses mais tarde seria assassinado pela polícia de Vargas-Filinto.

Hermenegildo cumpriu integralmente a missão que lhe fora confiada pelos revolucionários. Esmagado o movimento insurrecional, consegue evadir-se, convicto de que um revés temporário não é o fim, mas a saída para novas lutas que conduzem à vitória definitiva.

Sua atuação em liberdade, no entanto, deveria durar pouco. Em 1936 é preso pela polícia de Getúlio, que cavava os revolucionários com a ajuda ostensiva dos serviços secretos dos Estados Unidos, Inglaterra e Alemanha

nazista. Novamente, Hermenegildo põe à prova sua firmeza revolucionária resistindo às mais infames torturas. Não respondia a qualquer interrogatório. Quando falava era para revidar insultos e desafiar seus algozes, ao dizer-lhes:

— Eu já estava disposto a nada declarar antes de vocês me espancarem, agora mesmo é que nada lhes direi.

Mais tarde explicaria a um seu amigo: era espancado na presença de seus jovens companheiros de organização partidária, e acrescentava:

— Você compreende, camarada, a célula a que eu estava ligado era composta de jovens, a bem dizer, de meninos. Se eu fraquejasse iria contribuir para desiludir os «meninos» logo no começo de sua carreira revolucionária. E isto eu não podia fazer. Eu precisava corresponder à confiança que os «meninos» depositavam em mim e no Partido.

Mas não é só essa resistência indomável que caracteriza o heroico combatente de 35. Hermenegildo de Assis Brasil, Evadido e



da prisão — da quase intransponível fortaleza de Santa Cruz — prosseguiria a luta de revolucionário, combatendo o maior inimigo que jamais enfrentara até então o proletariado mundial — o fascismo. Hermenegildo foi lutar de suas mãos em defesa da República Espanhola, integrando as heroicas Brigadas Internacionais, sendo a sua bravura reconhecida pelo grande André Marty, que

confia a esse jovem revolucionário da classe operária do Brasil o comando de companhia cuja missão naquele momento era a de «desfilar» a cobertura da retirada para a França.

Depois de sofrer os horrores de um campo de concentração francês, Hermenegildo de Assis Brasil foi libertado e veio para o Brasil onde viveu a vida em plena vigília revolucionária, a 4 de junho de 1941, aos 30 anos de idade.

Seu exemplo de heroísmo deve frutificar hoje entre os novos combatentes do proletariado e da massa camponesa do nosso país, num momento em que a própria honra nos impõe a luta revolucionária mais decidida pela libertação nacional contra o imperialismo norte-americano e pela paz, com a conquista de um governo democrático popular para o nosso povo.

Leia - Divulgue e Assine PROBLEMAS

Voz das Fábricas

ABONO — UM MÊS DE SALARIO

Os trabalhadores esclarecidos devem alertar seus companheiros nas fábricas e em todos os locais de trabalho contra as manobras dos patrões para torpedear a luta pelo abono de Natal. E experiência desses quatro últimos anos demonstra que a campanha pelo abono mobiliza, realmente, as mais amplas massas operárias e lança-as à luta pelas suas reivindicações. Compreendem isso os capitalistas, que, já há algum tempo, procuram dividir e enganar os trabalhadores a fim de que estes deixem de lutar. Assim é que os capitalistas estabelecem o pagamento de abono de acordo com a antiguidade, com a assiduidade ou o concedem através de empréstimos, como aconteceu na Light e na C.M.T.C. Que significa isso? Significa, na realidade, negar o abono à imensa maioria dos trabalhadores, pois é um direito de todos os operários com muito tempo de serviço em cada empresa ou que apresentem uma assiduidade de 100 por cento. Significa transformar o abono numa espécie de prêmio dado pelos patrões, quando na realidade ele é um direito dos trabalhadores, uma forma indireta dos trabalhadores participarem de uma pequena parte dos lucros — e lucros fabulosos — que criam para os capitalistas, fabulosos — que criam para os capitalistas.

Mas, para que os patrões não possam ter êxito nessas manobras divisionalistas é necessário que desde já os elementos conscientes levantem a palavra de ordem de «Um mês de salário integral como abono» e esclareçam, mobilizem e organizem a massa para a luta sob esta palavra de ordem.

AO PAULO

O COTONIFICIO CRES-
P. — 350 operários de uma secção dessa empresa realizaram uma greve de alguns minutos numa demonstração de solidariedade a um companheiro arbitrariamente suspenso, por ter parado os teares para examiná-los. A greve obrigou a direção da fábrica a tomar seis efeitos a suspensão do operário.

BANIA

ASSEMBLEIA FERROVIÁ-
RIA — Os ferroviários da Estrada de Ferro Nazaré realizaram uma grande assembleia, durante a qual tomaram a resolução de se lançarem à luta pelo pagamento de seus salários atrasados e pelo Abono de Natal. Declararam-se ainda dispostos a recorrerem à greve, caso não sejam satisfeitos suas reivindicações.

Documentos da insurreição de 35

PROCLAMAÇÃO DO COMITÊ REVOLUCIONÁRIO DO RIO GRANDE DO NORTE SOBRE O DIREITO DE REUNIÃO E DE ASSOCIAÇÃO

A O PROLETARIADO E AO POVO REVOLUCIONÁRIO

Nascidos da revolução, apoiados na massa trabalhadora e nos nossos irmãos fardados, os soldados, fugitivos, homicídios, manifestações e em todo o material de propaganda dos nossos ideais, se não concretizássemos, na prática aquilo que teoricamente oferecíamos.

Neste sentido, queremos dar ao proletariado e ao povo revolucionário aquilo que têm direito, direito este conquistado à custa de ingentes sacrifícios, arriscando a própria vida, pela conquista da liberdade.

A liberdade é a vida, sem aquela esta nada vale e por isso é que nós jogamos esta nas ruas para conquistar aquela... ou a morte.

Pensando assim, resolvemos dar amplo direito de reunião e manifestação de pensamento falado ou escrito a todas as organizações estritamente trabalhistas e às organizações de massa verdadeira e reconhecidamente revolucionárias.

Assim, convidamos os trabalhadores em geral para que se reúnam livremente nas suas organizações de classe ou nas praças públicas se mais lhes convier, enviando a este comitê todas as suas reclamações para que sejam atendidas, de conformidade com os seus desejos e na medida que por eles forem defendidas.

A todas as organizações verdadeiramente revolucionárias será também garantido o livre funcionamento e o incontestado direito de sugerir medidas acatadoras dos interesses do povo e do Estado.

Esta liberdade se estende a todos os cultos e religiões que podem livremente funcionar desde que os seus chefes ou representantes não se sirvam delas para fazer campanha derrotista contra este movimento que é do povo e para o povo.

C COMITÊ REVOLUCIONÁRIO

(Publicado em «A Liberdade», Órgão Oficial do Governo Popular Revolucionário, 27 de Novembro de 1935)

PERNAMBUCO NA JORNADA LIBERTADORA DE 24 DE NOVEMBRO DE 1935

- ★ A PARTICIPAÇÃO DO PROLETARIADO NO MOVIMENTO INSURRECIONAL
- ★ EM MUNICIPIOS DO INTERIOR, ONDE PREDOMINA O LATIFUNDIO, CIVIS TOMARAM O PODER SEM A PARTICIPAÇÃO DE UM SÓ ELEMENTO MILITAR
- ★ UMA GRANDE LIÇÃO PARA OS Nossos DIAS

A NOTÍCIA do levante do 29 BC espalhou-se rapidamente. Naquela manhã de 24 de novembro de 1935, os oficiais aliancistas da guarnição de Socorro quando souberam que o Rio Grande do Norte se havia revoltado, desenvolveram a bandeira da insurreição nacional-libertadora em apoio aos revolucionários de Natal. A empresa era difícil, pois não só o governo já havia tomado providências, ao ter conhecimento do levante da capital potiguar, como ainda não se havia estabelecido uma sólida articulação com as unidades do Exército e da Polícia Militar, sediadas em Recife, e onde existia diversos elementos simpáticos ao movimento. Contudo, os aliancistas da guarnição de Socorro conseguiram dominar rapidamente a resistência dos oficiais governistas com exceção do Pavilhão do Comando, que só se rendeu à noite do dia 24.

A ADESAO POPULAR

A massa popular recebeu com indescritível entusiasmo a notícia da insurreição dirigida pela A.N.L. De todos os setores populares receberam os revolucionários demonstrações inequívocas de solidariedade. Por exemplo, quando foram lançadas no Largo da Paz as tropas governistas comandadas pelo coronel Higino e pelo tenente Cunha para dar combate aos revolucionários, estes foram ao padre da paróquia pedir a chave da igreja da Paz a fim de tomarem posição de combate na torre da igreja. O sacerdote fez a entrega da chave, sem esconder sua satisfação em ajudar os nacionais-libertadores.

Enquanto isso, centenas e centenas de populares, inclusive jovens de menor idade, procuravam se ligar as forças revolucionárias para participar dos combates. Era uma verdadeira multidão de pessoas que saía dos bairros de Afogados, Areias, Tigipió e adjacências tentando obter uma ligação com as tropas insurretas.

E não só isso. A massa demonstrou, mesmo sem uma direção unificada, seu espírito de iniciativa revolucionária. Assim, por iniciativa própria, os operários e populares conscientes tomaram de assalto as delegacias de Casa Amarela e da Torre, desarmando os guarda-civis e comissários ali existentes. Mas, em vez de ficar de posse dessas delegacias e organizar o povo para a resistência, os trabalhadores dirigiram-se logo depois para Socorro, em busca da guarnição insurreta, ficando a massa popular dos bairros sem saber para onde se dirigir.

O PODER LOCAL NAS MÃOS DOS REVOLUCIONÁRIOS

Mas não foi só no Recife que a massa, sob o impulso

Reportagem de ETELVINO PINTO

do levante militar, se lançou à conquista do poder. Essa iniciativa se verificou também em Olinda e Limoeiro do Norte. Limoeiro esteve durante 24 horas, totalmente nas mãos dos revolucionários civis, que tomaram a cadeia pública e prenderam o delegado.

CONCENTRAÇÃO NOS BAIRROS

Depois de várias tentativas para se ligar às tropas revolucionárias do 29 B.C. e ainda depois que estes foram dominados na Torre, na tarde do dia 24, a massa continuou com a bandeira da insurreição. Concentrou-se nos bairros operários de

Recife, mandando emissários a Socorro para obter armamentos. A noite do dia 24 já havia fortes concentrações nos bairros de Casa Amarela, Agua Fria, Campo Grande e Peixinho e também no bairro do Frágoso, em Olinda. Esta última concentração era formada, principalmente, de camponeses. Essas concentrações reuniam até 400 operários e homens do povo.

As concentrações de elementos revolucionários nos bairros foi a aplicação de uma experiência anterior:

Quando o governo ditatorial de Vargas pôs a A.N.L. na ilegalidade, recebeu-se em Pernambuco a palavra de

ordem de Revolução para o dia 16 de Outubro. Os dirigentes da classe operária não vacilaram e trataram logo de organizar a massa em concentrações nos vários bairros operários de Recife, de Olinda e Jabotão. A concentração nessa cidade chegou a reunir 500 homens, na sua maioria ferroviários. As concentrações só se dispersaram ao amanhecer do dia 17, quando se verificou que não havia chegado ainda o momento da insurreição.

Estes fatos de 1935 em Pernambuco são a melhor resposta aos que duvidam da capacidade revolucionária de nosso proletariado, de seu desejo de lutar pela libertação nacional e a Democracia Popular e de sua aptidão para o combate.

OS HERÓIS DE 35

Luiz Bispo, Herói Proletário do Nordeste

Em 1934 a polícia alagoana deportava para o Rio um jovem operário da construção civil. Mas a polícia carioca não permitiu que ele desembarcasse nesta Capital e no mesmo navio retornou para o Nordeste, indo desembarcar com a ajuda do Socorro Vermelho, em Recife.

Este operário que tanto medo despertava na polícia de Vargas era Luiz Bispo, um dos mais firmes e heróicos militantes revolucionários de 1935. Por essa época, Bispo contava 23 a 24 anos de idade e já sua atividade de comunista chamava para ele o ódio desesperado da reação.

Em Recife, Bispo ligou-se rapidamente ao Partido. Pe-dreiro-estudador dos mais competentes, Luiz Bispo trabalhou durante algum tempo em várias empresas de construção na Capital pernambucana, inclusive na secção de construção da Pernambuco Tramway. E sua passagem por qualquer empresa ficava logo assinalada. Onde quer que trabalhasse organizava qualquer entidade em defesa dos trabalhadores. Era o operário consciente inteiramente votado à luta pela libertação de sua classe. Tinha, apesar de sua juventude e da sua origem camponesa, uma grande compreensão de Partido, uma dedicação ilimitada e uma noção de disciplina proletária ainda pouco comuns. Era o homem das tarefas mais difíceis. Se se tratava de realizar um comício proibido pela polícia, era Bispo o encarregado de planejar a defesa dos oradores, de escolher os homens para isso e comandá-los. Era ele também a quem se encarregava, com plena confiança, de tarefas

como colagem, pinturas e pregar bandeirinhas nos pontos mais arriscados. Se havia perspectiva de luta numa empresa ou setor profissional para lá se mandava Luiz Bispo como assistente. E era difícil o movimento deixar de sair.

Em 1934 Bispo foi preso e torturado, tendo se revelado nas garras da reação um autêntico revolucionário. Apesar das torturas não prestou nenhuma declaração sobre suas relações com o Partido nem sobre a sua vida particular. Em 1935, quando se tratava de escolher uma equipe de quadros para mandar ao campo, onde os camponeses estavam sendo expulsos de suas terras à margem do São Francisco, na zona de Cabrobó, entre os escolhidos estava Luiz Bispo. Por imprudência de outros companheiros, o grupo foi localizado por soldados armados de fuzil, que intimaram os comunistas a comparecer à delegacia. Bispo foi o único que resistiu e não se deixou prender.

Depois desta missão Bispo foi escolhido para substituir o secretário Regional do Partido em Pernambuco, que tivera de ser operado. Neste momento o Partido, à frente da A.N.L., preparava a insurreição nacional-libertadora. Foi grande a contribuição de Bispo na preparação e mobilização das bases do Partido para se colocarem à altura do movimento revolucionário. Por sua iniciativa foi feito um levantamento completo dos endereços de trabalho e residência dos principais dirigentes dos organismos do Partido e para colocar esses dirigentes permanentemente ligados às bases e individualmente a cada militante. Durante o movimento insurre-

cional, do qual o C.R. de Recife só teve conhecimento depois de deflagrado, Bispo foi incansável para estabelecer um contacto entre as bases do Partido e os militares aliancistas, bem como para mobilizar a massa em apoio à insurreição. Sob a sua direção foram realizadas as principais requisições de automóveis, caminhões e comestíveis. Pessoalmente, com mais dois companheiros, ele se apossou de um automóvel da polícia, no qual viajavam 4 tiras, e de que necessitavam os revolucionários para transporte de estufetas. Depois da derrota do movimento insurrecional Bispo continuou incansável, já agora efetivado no cargo de Secretário da Região, dirigindo o Partido nos dias de mais negra e sangrenta reação, até ser preso a 23 de março de 1936. Sua atitude na prisão foi heroica. Olhava com desprezo e ódio os «tiras» e os traidores, sem lhes dar uma palavra ou declaração. Todos os insultos, provocações e espancamentos ele os enfrentou de cabeça erguida, sem vacilar em sua fé na vitória final do proletariado.

Foi selvagemmente espancado durante muitas e muitas horas na cabeça, sob as ordens do carrasco Wandenkolk Wanderley. Quando saiu da sala de torturas já era um cadáver. Sangrava abundantemente pelos olhos, nariz, ouvidos e boca. Tinha apenas 28 anos de idade. O cadáver foi colocado pelos assassinos num cubículo isolado e dali foi retirado, envolto em sacos de estopa, para lugar que continua ignorado. Só os assassinos saberão dizer onde se encontra enterrado o herói, exemplo para a educação revolucionária dos jovens comunistas e orgulho do proletariado brasileiro.

AS GUERRILHAS NA VARZEA DE ASSU-MOSSORÓ

TRÊS meses antes de deflamar em Natal a insurreição nacional-libertadora de 23 de Novembro de 1935 já se iniciara na região da Varzea do Assu e Mossoró a luta guerrilheira. Durante cerca de um ano, de Agosto de 1935 a Julho de 1936 os guerrilheiros de Manoel Torquato e Miguel Moreira sustentaram a luta armada no interior do Rio Grande do Norte, levantando a bandeira gloriosa da Aliança Nacional Libertadora, da luta revolucionária contra o imperialismo e o latifúndio.

O exemplo dos guerrilheiros da Varzea de Assu e Mossoró constitui um património de nosso povo e uma lição viva para todos os patriotas que hoje prosseguem a luta de libertação nacional em condições mais favoráveis à vitória do povo brasileiro.

Sob a bandeira da A.N.L. lutar am durante um ano os guerrilheiros de Miguel Moreira e Manoel Torquato — As guerrilhas saíram das lutas de massas — Duas dezenas de guerrilheiros em diversas ocasiões, puseram em fuga centenas de soldados e mercenários dos grandes latifúndios — Os chefes guerrilheiros.

Reportagem de LUIZ MARANHÃO FILHO

AS GUERRILHAS NASCERAM DA LUTA DE MASSAS

As guerrilhas surgiram das lutas das massas. Na Varzea do Assu era muito forte o movimento dos camponeses, que despertavam para a luta ao chamado do grande líder de nosso povo, Luiz Carlos Prestes. Os trabalhadores dos carnaubais na região caminhavam para grandes lutas e já estavam

organizados num Sindicato Camponês, que reunia 600 associados. Ao mesmo tempo se realizavam grandes lutas grevistas dos salineiros de Mossoró e Areia Branca, que se tinham organizado num poderoso Sindicato. Nas várias greves dos trabalhadores em salinas o proletariado conquistava sucessivos aumentos de salários e nessas lutas entraram em choques violentos com a reacção.

O movimento operário na zona oeste do Rio Grande do Norte tivera, até então, dois pontos altos: um, foi a passeata da fome, na qual a massa depois de percorrer as ruas de Mossoró exteriorizando vigoroso protesto contra a situação de miséria existente, assaltou o Mercado Municipal para se prover de gêneros alimentícios; o outro, foi a greve geral dos trabalhadores de Mossoró.

A luta armada dos guerrilheiros não foi senão a continuação das vigorosas lutas das massas pelas suas reivindicações, contra a fome e a miséria.

ORIGEM DA LUTA ARMADA

O Sindicato Camponês do Assu estava levando os trabalhadores a ações energéticas. Por exemplo, quando um latifundiário expulsou da terra um velho rendeiro, o Sindicato reuniu 200 homens e reempesou o velho camponês na terra em que trabalhava. Começava-se a atingir, assim, o problema fundamental da revolução agrária.

Contra essas ações de massas a polícia lançou-se violentamente, atirando contra os sócios do Sindicato-Camponês, quando de uma reunião na casa do sr. Cândido. Posteriormente, o líder Manuel Torquato foi preso e evadiu-se da cadeia de Assu, iniciando-se daí a luta armada, que foi organizada em Mossoró. As armas foram obtidas rapidamente, principalmente rifles e munição, incluindo dinamites.

OS CHEFES GUERRILHEIROS

O movimento foi iniciado com 16 homens. Logo depois se reforçou com novas adesões. Manoel Torquato foi o seu grande comandante militar. Revelou-se um autêntico chefe militar nascido do povo. Reunia as qualidades de audácia e coragem, que fazem o seu nome continuar na boca do povo, envolto em lenda. Torquato dispunha de uma condição indispensável à luta guerrilheira: conhecia palmo a palmo toda a região em que atuava, compreendendo um largo trecho do Rio Grande do Norte nos territórios dos municípios de Assu, Mossoró, Macaú e Areia Branca. Manoel Torquato foi ainda o organizador do Sindicato Camponês e do Sindicato dos Trabalhadores em Salinas. Dirigiu as greves e manifestações dos trabalhadores do sal, firmando, assim, o seu prestígio nas lutas de Mossoró e Areia Branca.

Manoel Torquato ocupava

na guerrilha o posto de tenente-coronel.

O dirigente político das guerrilhas foi Miguel Moreira. A êle se deve o nível politicamente elevado do movimento.

OS COMBATES

Durante cerca de um ano de marchas dentro dos carnaubais e na região das salinas, os guerrilheiros tiveram inúmeros encontros com a polícia. A tática dos guerrilheiros consistia em se resguardar e atacar com audácia, pegando o inimigo de surpresa. Graças a essa tática puderam prolongar a luta, mobilizando contra si grande contingente de forças da reacção e preocupando seriamente até o comando da Sétima Região Militar, em Recife.

Entretanto, foram quatro os combates principais sustentados pelos guerrilheiros: Canto Comprido, Tabuleiro Alto, Três Vinténs e Cigano. Em Canto Comprido os guerrilheiros entrincheirados num aqüed fizeram debandar mais de 200 homens chefiados pelo latifundiário Arthur Felipe, morto no combate. No combate de Tabuleiro Alto, perdeu a vida o guerrilheiro Sebastião Cadeira, vítima da explosão de uma dinamite que conduzia a tiro-colo. No fogo de Cigano tomou de maneira heroica o guerrilheiro Alencar, mais conhecido como «Alemao». Alencar foi obrigado a lutar, isolado dos demais companheiros, e resistiu à polícia até o último cartucho, sendo então assassinado. No combate de Três Vinténs não houve baixa entre os guerrilheiros e a polícia foi posta em fuga.

TERMINA A GUERRILHA

Mesmo com o rigor da disciplina, que era severa, os guerrilheiros não tiveram a necessária vigilância para evitar casos de traição. Em consequência, o líder Manoel Torquato foi covardemente assassinado pelo traidor Feliciano, no dia 15 de Julho de 1936.

A morte de Torquato marcou praticamente o fim da guerrilha, que se concluiu reduzida a dois combatentes, Miguel Moreira e Marcelino Pereira. Este último ainda vive, Miguel Moreira faleceu no Rio em fins de 1946.

Voz dos Campos

DUAS LIÇÕES DE 35 PARA OS CAMPONESES

O movimento nacional-libertador de 1935 é um exemplo luminoso para o nosso povo e, de modo particular, para as massas camponesas. Em que consiste este exemplo, no que se refere aos camponeses? O exemplo de 35 consiste em que deixou duas grandes lições para as massas camponesas do Brasil. A primeira lição é a de que somente sob a direção do proletariado e lutando com todos os camponeses podem conquistar a terra e uma vida livre e feliz. De fato, a insurreição de 1935 foi o primeiro movimento revolucionário de nossa história dirigido pela classe operária. E que visava, fundamentalmente, esta revolução dirigida pela classe operária? Visava libertar nosso país da dominação dos imperialistas estrangeiros e distribuir gratuitamente as terras dos latifundiários aos camponeses trabalhadores. Mesmo depois de derrotados na luta os revolucionários de 35 que conseguiram se reagrupar no campo continuaram batelhando de armas na mão para realizar a entrega das terras dos latifúndios aos camponeses. Nenhum movimento armado em nosso país se havia proposto, antes, este objetivo. E por que? Porque nenhum deles, com exceção do movimento de 35, foi dirigido pela classe operária, pois somente a classe operária tem o interesse fundamental em acabar com o latifúndio e entregar as terras aos camponeses trabalhadores. Por isso, somente um governo dirigido pela classe operária poderia realizar esta justa aspiração das massas camponesas. A outra lição de 35 é a de que a classe operária só pode vencer o burguesia, o latifúndio e o imperialismo com o arme ativo e sólido das massas camponesas. Porque foi ainda fraco este exército, porque os camponeses não haviam sido organizados e mobilizados suficientemente para participarem da luta revolucionária é que não foi possível a vitória em 1935. A insurreição nacional-libertadora de 1935 mostra aos camponeses que só poderão conquistar a terra e a sua libertação da servidão semi-feudal lutando sob a direção do proletariado. Mas, por outro lado, mostra que o proletariado para vencer deve contar com o apoio político dos camponeses. Portanto, neste instante em que se coloca diante de nosso povo intensamente como nunca o problema de conquista da Democracia Popular, para que o novo processo paz, terra e liberdade, é preciso que os camponeses se organizem e lutem revolucionariamente pelo Programa do Frente Democrática de Libertação Nacional, organizada sob a direção da classe operária.

OS HERÓIS DE 35 MIGUEL MOREIRA O Camponês Guerrilheiro

MIGUEL MOREIRA é um herói dos camponeses e da classe operária do Brasil. Forjou-se revolucionário no seio do glorioso Partido Comunista, depois de ter compreendido que os camponeses pobres jamais conseguirão libertar-se do jugo dos grandes fazendeiros sem se unirem estreitamente com a classe operária, lutando sob a direção de sua vanguarda política pela revolução agrária, isto é, pela conquista da terra. Foi particularmente nas lutas revolucionárias de 1935, depois da insurreição nacional-libertadora de 27 de novembro, que a figura de Miguel Moreira se destacou em exemplos de bravura admirável, empunhando as armas, dirigindo lutas de guerrilhas que visavam a libertação nacional.



Miguel Moreira nasceu a 21 de outubro de 1892, no antigo município de Lage, hoje Itaipema, no Rio Grande do Norte. Seus pais eram camponeses pobres. Homem do povo, ligado diretamente aos camponeses sem terra, cedo começou a interessar-se pelos problemas políticos, procurando uma saída para a situação de miséria crescente em que mergulhava a massa camponesa, particularmente no Nordeste.

Esmagada a insurreição de 27 de novembro de 1935 pela amarelinha pró-fascista de Vargas, Miguel Moreira compreendeu que a luta deveria continuar sob quaisquer circunstâncias, pois a reacção se tornava mais feroz e mais feroz seria a exploração dos grandes fazendeiros sobre os camponeses sem terra.

Um grupo de guerrilheiros sob o seu comando liberta das garras de uma escolta policial mulheres de combatentes revolucionários que marchavam para a tortura.

Reforços de polícia do governador Rafael Fernandes são enviados para dar combate ao grupo de guerrilhas de Miguel Moreira. Mas não conseguem derrotá-lo facilmente. As ações de guerrilha no Rio Grande do Norte, que ficaram como um notável exemplo de bravura e compreensão da necessidade de resistir por todos os meios, se prolongam por quase um ano.

Durante esse período, Miguel Moreira demonstra a fibra de um verdadeiro revolucionário, de um combatente da classe operária. Em 1936 ele dirige um Manifesto aos camponeses no qual diz: «Os guerrilheiros são os grupos do exército revolucionário em formação», demonstrando assim todo o alcance da luta que dirigia, compreendendo-a como uma luta em que o proletariado e os camponeses pobres deviam juntar suas forças para conquistar a libertação do país do governo dos grandes fazendeiros de Getúlio Vargas e da dominação imperialista norte-americana.

Posteriormente, por motivos diversos, mas particularmente por falta da indispensável ligação com as grandes massas do campo, o grupo de guerrilhas de Miguel Moreira foi esmagado por forças numericamente superiores, seu chefe preso, processado pelo tribunal fascista de «Segurança Nacional» de Vargas, condenado à prisão, onde arruinou sua saúde, vindo a falecer em 1945. Ficou, porém, seu grande exemplo de heroísmo, tenacidade e confiança jamais abalada na vitória final do proletariado, guiado por seu partido — o Partido Comunista.

Falando numa homenagem à memória de Miguel Moreira, em 1945, Prestes apontava aos comunistas o seu exemplo:

«O nosso Partido — dizia Prestes — se orgulha de ter possuído em suas fileiras um patriota da fibra de Miguel Moreira, cuja firme atitude na luta de libertação nacional de nossa Pátria do domínio imperialista, da reacção e do fascismo é para nós o maior estímulo no sentido de prosseguirmos lutando pela paz, a democracia, o progresso e a independência de nossa Pátria».

Hoje, o Manifesto de Agosto do camarada Prestes e os 9 pontos de seu Programa da FRENTE DEMOCRÁTICA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL, aponta aos patriotas brasileiros o caminho revolucionário seguido por Miguel Moreira, visando um Brasil livre, independente e progressista.

So lidarietate aos Camponeses de Porecatú

Os camponeses da localidade Tiririca, em Goiás, logo que tomaram conhecimento da chacina que a polícia do assessorio Moisés Lupion e os capangas dos ardeiros Lunardi realizaram contra os bravos posseiros de Porecatú resolveram convocar uma reunião da Irmandade dos Lavradores da Fazenda São Domingos, a fim de decidirem o que poderiam fazer em defesa de seus irmãos do norte do Paraná.

A reunião foi realizada com grande assistência. O camponês Manoel Alves da Costa falou explicando que o governo do Paraná concentrou duzentos soldados para serem jogadores contra os camponeses que defendem seus direitos e terminou propondo o envio de um abaixo-assinado de protesto contra o banditismo dos «tatuzas» e do governo e de solidariedade aos posseiros de Porecatú. Para este memorial já foram conseguidas várias dezenas de assinaturas de camponeses goianos.

HARRY BERGER UM NOME GLORIOSO

(Conclusão da 7.ª pág.) de quaisquer atividades de que acaso ele tenha participado. E só. Entretanto, em face dos juizes da reacção, perante o Tribunal das classes dominantes, Harry Berger disse mais alguma coisa. Disse aquilo que deveria dizer um revolucionário comprovado, um discípulo de Dimitrov: — qualquer que seja o meu destino que, no caso não está em jogo, a revolução será vitoriosa no Brasil e no mundo.

Harry Berger, líder político de reconhecido genio tático, escreveu grande numero de

trabalhos sobre problemas estratégicos e táticos da Revolução Brasileira, mas principalmente sobre problemas táticos. Dentre estes destaca-se como o trabalho de mais importância o que tem o título de «Problemas Táticos da Revolução Brasileira», que se reveste de grande atualidade. Também escreveu diversos trabalhos sobre a revolução na China. Um dos seus trabalhos, denominado «Crítica ao movimento revolucionário nacional-libertador», que vai em outro local desta edição, é uma apreciação crítica das

e ricas de ensinamentos sobre a insurreição de 35.

Harry Berger começou a vida como operário metalúrgico; conta atualmente 61 anos de idade e vive na República Democrática da Alemanha, para onde conduziu o navio soviético «Alexandre Griboldiev», depois que foi posto em liberdade pelo movimento nacional da anistia. Foi dirigente do Comité Central do Partido Comunista da Alemanha, membro da Comissão Executiva da Internacional Comunista e deputado

**SAQUE LANCIP
EM ASOLEO
DUTR**

Na casa de Astolfo Dutra em Craguass, próximo do distrito de Itamarati, na Zona de Mata, há qualquer coisa que os patriotas precisam investigar no que tudo indica, os gringos norte-americanos estão realizando algum trabalho de prospecção, certamente em busca do urânio para o fabrico da bomba atômica. Certo, no alto da Pedra Branca, eles colocaram uma bandeira branca. Os camponeses da região mostram-se assustados, porque, quando se aproximam do local, são estupidamente enxadados.

A atividade dos gringos naquele local está cercada do maior sigilo. Eles gozam da proteção das autoridades federais e estaduais, que lhes permitem o saque de nosso país. Protestamos energicamente e sabemos lutar com o povo para expulsar os saqueadores de nossas riquezas!

Pedro Teixeira (Astolfo Dória — Minas).



**FESTIVAL
Internacional
De Cinema
No Rio**

Cerca de 40 países participam do III Festival Internacional de Filme de Curta Metragem, que se realizará em nosso país em dezembro próximo. Filmes curtos dos mais famosos já produzidos em diversos países serão apresentados nessa oportunidade ao público brasileiro, entre os quais os documentários da Tchecoslováquia e da Polónia, países onde a arte cinematográfica não está a serviço das empresas industriais e comerciais, refletindo assim mais diretamente a vida do povo.

Devido ao fato de o governo Dutra ter rompido relações com a União Soviética, não haverá filmes soviéticos no festival internacional do Rio, o que é de lamentar, tendo-se que o cinema soviético é o mais admirado do mundo, como se poderia deixar de ser livre que está dos contraves criados pelos monopólios, como acontece nos Estados Unidos.

A República Popular da Polónia concorrerá ao Festival do Rio com diversos documentários, entre os quais "A Carta do Mineiro", "O Dragão de Cracóvia" e "1.º de Maio em Varsóvia".

VOZ dos LEITORES

REVOLUÇÃO DE OUTUBRO VISTA PELO POVO

A Revolução de Outubro e a Juventude

A grande revolução proletária da Rússia foi marco da Revolução Proletária Mundial, que levará os povos ao socialismo, isto é, à conquista definitiva da paz e de uma vida livre onde floresçam as melhores qualidades dos homens. Foi o início da Revolução Mundial porque depois dela a classe operária de todos os países operários tem surgido na arena política, armada das lições do proletariado vitorioso numa sexta-parte do mundo. Sob o influxo da Revolução de Outubro formaram-se os Partidos Comunistas dos vários países, que aprendem nas lições do heróico Partido Bolchevique e por isso podem conduzir seus povos à vitória, como na China, nos países de Democracia Popular e em nu-

merosos países coloniais e semi-coloniais onde os povos lutam de armas na mão em defesa da Paz e pela libertação nacional e social.

Mas, onde sentimos mais de perto a grandiosidade da Revolução de Outubro e nos seus reflexos sobre a juventude. Olhamos comovidos e cheios de entusiasmo para a juventude soviética, juventude livre e feliz, cujos feitos heróicos, tanto na construção socialista como na defesa da pátria soviética, constituem as mais belas páginas da história contemporânea. E por que isso? Porque, de fato, a Revolução de Outubro trouxe a solução dos mais profundos anseios da juventude, deu aos jovens da Pátria de Lenin e Stálin instrução, cultura, trabalho, se-

gurança e confiança no futuro. Por tudo isso, a juventude tido no Manifesto de Agosto de seu querido mestre e líder — Luiz Carlos Prestes.

JOSE FERNANDES BRNADA — (Santos — S. Paulo) brasileira seguiu o exemplo dos jovens soviéticos, batilhando em nossa Pátria pelo Programa Revolucionário con-

NOSSO CONCURSO

Em nossa próxima edição divulgaremos os nomes dos concorrentes premiados, assim como continuaremos a publicar as colaborações que, a respeito, nos têm credado à redação.

NOVOS ATENTADOS DO INTERVENTOR JOBIM CONTRA A IMPRENSA

A polícia do interventor Walter Jobim e do seu preposto nazista Dagoberto Gonçalves cometeu mais um crime contra a liberdade da imprensa no Rio Grande do Sul.

No dia 18 do corrente a sucursal da VOZ OPERÁRIA em Porto Alegre, foi invadida por bandos de policiais que além de apreenderem grande número de exemplares deste jornal e levarem preso o funcionário Manoel Francisco Marques, realizaram apreensões nas bancas ameaçando de prisão os jornaleiros. Também foi invadida a Agência Farroupilha, livraria daquela capital.

A direção deste jornal protestou contra o ato fascista do governo Jobim junto à Associação Brasileira de Imprensa, exigindo respeito à liberdade de imprensa, frequentemente violada pelo ridículo e atabalhoado chefe de polícia nazista do Rio Grande.

quando a classe operária se lança também a lutas revolucionárias.

PERSEGUIÇÕES NA SOROCABANA

Devido a minha atuação na Sorocabana de defesa dos interesses de minha corporação caí sob a persegui-

ção dos traidores da classe e pelegos de Ademir, o Assassino — Guerreiro, Café e Vitor de Aguiar, chefes dos transportes em Botucatu. Foi arbitrariamente transferido para Borebi, que fica a uns 100 quilômetros de Botucatu. Mas, onde quer que me encontre, continuarei a lutar como um soldado da classe operária.

Defender Prestes

Conclusão da 16ª página, democratas sinceros, dos partidários da paz na luta organizada, constante, através de todas as formas de lutas e manifestações, na defesa de seu líder querido. Mas é sobretudo nos ombros da classe operária que recai a maior responsabilidade na defesa da vida e da liberdade de Prestes.

Tocar em Prestes é tocar nos sentimentos de luta, de repulsa ao invasor lanqueado de odio à guerra manifestado pelo povo através de milhões de assinaturas ao Apelo de Estocolmo. Tocar em Prestes é atacar o programa aceito pela maioria esmagadora do país, contido no histórico Manifesto de Agosto.

Não descansar um instante, não dormir tranquilo e lançar-se a luta enquanto perdurarem as ameaças contra a vida e a liberdade de Prestes é o mesmo que lutar de maneira abnegada, corajosa e intransigente pelo programa da Frente Democrá-

ca de Libertação Nacional, contra o envio de tropas à Grécia, contra, enfim, a ameaça que continuará pairando sobre a independência de nosso povo.

Mais lutar pela liberdade e defender a vida de Prestes não pode resumir apenas nisso. É necessário divulgar para cada setor da população as razões que levaram esse governo de traição a perseguir o dirigente máximo de nosso povo; é necessário juntar aos programas de agitação e propaganda, de pronunciamentos populares, ações de massas, greves, protestos, etc., a vida de dedicação, de exemplo de militante comunista, fiel ao marxismo-leninismo-stalinismo, de sacrifício pela classe operária que é a vida do camarada Prestes. É necessário finalmente compreender que a defesa de Prestes é a defesa dos princípios por que ele e a humanidade progressista, tendo à frente os comunistas, se batem

PAGAMENTO DOS EXTRAORDINARIOS OU GREVE

.. Há mais de cinco meses os maquinistas, foguistas e limpadores da Estrada de Ferro Goiás não recebem suas horas extraordinárias. Vêm trabalhando dia e noite para atender à necessidade do escoamento da safra de arroz do Estado de Goiás. Viajam dia e noite sem descanso e subalimentados, ganhando salários verdadeiramente de fome.

Como manobra eleitoral, o ex-diretor da Estrada tinha dado ordens, há dois meses, para fazer o pagamento das horas extraordinárias para todo o pessoal. Mas, visando render juros a prazo fixo, a verba para este fim permanece no Banco redendo juros em benefício dos chefes e chefetes.

Na noite de dia 14, os ferroviários da seção de locomotivas resolveram ocupar e depositar de máquinas, exigindo o pagamento das horas extraordinárias. Nesta atitude irredutível permaneceram os ferroviários até que a direção da empresa, na perspectiva de uma generalização de movimento grevista, entregou o dinheiro à Comissão de Greve para que ela mesma efetuasse o pagamento ao pessoal. Isto, 4 dias depois de completa paralisação do serviço na seção. Os diretores da empresa começaram a recorrer às violências, com o apoio das autoridades locais, para impedir que os ferroviários, reproduzindo de forma ainda mais alta a luta da noite de 14 de novembro, conquistas suas demais reivindicações. Mas os ferroviários aprenderam o que valem a sua organização e unidade e mobilizaram-se para novas lutas sob a palavra de ordem: **EXTRAORDINARIOS OU GREVE!** Gabriel Pereira (Araguari — Minas Gerais).

SOCIAIS

NASCIMENTO — Willington Xavier, leitor da «VOZ» comunicou-nos o nascimento de seu filho Millam.

Valentim Aranda Machado e Nair Costa Machado tiveram seu lar em festas com o nascimento de seu filho Luiz Carlos, assim chamado em homenagem a Luiz Carlos Prestes.

ANIVERSÁRIOS — No dia 30 do corrente faz dois anos de idade o menino Luiz Carlos Peres, filho de nosso leitor Manoel Peres Perianes, vereador de Prestes na cidade de Piedade e de sua companheira Geni Peres.

Bernaci, filho de nosso leitor João Ribeiro dos Santos e sua companheira Maria Anita Ribeiro dos Santos, faz anos no dia 30 do corrente.



Façamos da luta pela defesa da vida e da liberdade de Prestes uma bandeira e mais para despertar a consciência de classe de setores cada vez maiores da classe operária em nosso país, para forjar ideologicamente novos militantes de vanguarda do movimento operário e para desmascarar de forma impiedosa o inimigo de classe e sua injustiça.

Cada ação em defesa de Prestes é um ou mais passos à frente no caminho da libertação nacional, no caminho da organização libertadora.

Vida de VOZ OPERARIA

A seção neste número é dedicada às experiências da nossa Sucursal do Recife, a mais antiga e a que menores resultados práticos apresenta hoje, em seus 3 anos de atividades. É verdade que a Sucursal do Recife, foi até hoje a mais visitada pela reação, tendo, por diversas vezes, a sua sede invadida pela polícia fascista de Barbosa Lima Sobrinho, presos e processados os seus funcionários e dirigentes, deprecação e saqueada nos seus bens móveis e arquivos. Durante algum tempo viveu sob pressão constante da polícia, principalmente as vésperas da chegada das tropas tanques de ocupação da estação rádio-transmissora do Pina.

A Sucursal do Recife, logo depois de sua instalação, atingiu um alto nível de desenvolvimento, sendo responsável pela divulgação da «VOZ» em cinco estados nordestinos. Sua penetração no interior do Estado de Pernambuco era apreciável e sua organização não fugiu ao padrão de organização seguido, posteriormente, para as outras Sucursais. Foi mesmo baseado nas experiências de organização e funcionamento da Sucursal do Recife que as outras sucursais da «VOZ» foram organizadas.

Foram grandes em verdade as experiências da Sucursal do Recife, as quais malbaratamos em seguida. Chegamos a um estado que bem revela os erros cometidos na sua direção e controle. Camu sua produção em 50% e sua organização se burocratizou. Acumularam-se os compromissos, atrasaram as edições a ponto de a Sucursal quase tornar inativa.

Houve período na vida da Sucursal em que os comitês nas portas das fábricas, nos bairros, nas feiras, os circuitos de leitura de empresas denotavam o interesse e o entusiasmo que a «VOZ» despertava por toda a parte. Rara era a edição em que não se publicava um artigo, uma reportagem, notas de fábricas e usinas, que muito ajudaram as tarefas da Sucursal, e ajudaram também aos trabalhadores e camponeses na sua luta por suas reivindicações, como foi o exemplo vivo das lutas dos portuários e estivadores do Recife. O aumento das tiragens alcançou 50% a mais da edição inicial, porcentagem anulaada posteriormente. O número de agentes nos estados caiu em mais de 30%. Desapareceram a maioria dos circuitos de leitura, e nas praças, nos bairros e nas feiras não se houve mais o pregão da «VOZ OPERARIA».

Mas já se nota um movimento de recuperação, embora ainda muito débil. Começa-se a fazer alguma coisa para repor no lugar de honra que já ocupou a nossa Sucursal do Recife.

EXPERIÊNCIAS DE UM COMANDO NO MORRO SAO CLEMENTE — Uma equipe de divulgadoras da «VOZ» organizou um comando para o Morro de São Clemente, numa das nossas edições especiais. Mas diante da falta de bridade que lhes foi destinada subiram o morro desanimadas. Mas qual não foi a sua surpresa quando ao contacto com os moradores do morro, perceberam que a falta de bridade não daria para iniciar o comando. Dito e feito. Antes mesmo de alcançarem o topo do morro já se haviam esgotado todos os exemplares que para lá levaram. Animadas por esse sucesso a equipe de divulgadoras da «VOZ» resolveu fazer muitas para o dobro a cost normal e triplicar a quantidade aos comandos nas próximas operações.

Novas Respostas

Aos Inimigos da Paz

Já é de todos conhecido o documento sem assinatura divulgado nos Estados Unidos contra o Apelo de Estocolmo.

Como já tivemos oportunidade de ressaltar em página a ele dedicada, sob o título de «Novas objeções, novas respostas», um dos principais argumentos ali utilizados é o de que o Apelo pela interdição da bomba atômica não é sincero, que é de origem comunista ou progressista e, devido a isso, não passa de um embuste através do qual se visa atribuir falsamente intenções agressivas aos Estados Unidos, enquanto a U.R.S.S. aparece como um país pacífico.

Com este argumento é que nos defrontamos inicialmente hoje. Mas vejamos as últimas objeções contidas no documento americano sem assinatura e também as últimas respostas que as destróim.

modo a poder impôr a sua vontade de paz. Nenhuma pessoa sã de espírito, isto é, não atacada de «ferrestallite» ou molestia semelhante, poderá pretender que a bomba atômica seja indispensável aos atos de agressão. A guerra travada no solo coreano não é uma prova decisiva nesse sentido?

Aos que dizem:

«O APELO SO É LEUCAZ NO PAPEL. SEU UNICO OBJETIVO É O DE «REDUZIR» O SENTIMENTO DE SEGURANÇA DOS POVOS OCIDENTAIS. DEVIDO A ATUAL SUPERIORIDADE DOS ESTADOS UNIDOS EM ARMAS ATÔMICAS».

RESPONDEMOS:

Esta objeção nos reconduz ao objetivo central do documento, que é o de negar que a U.R.S.S. quer anular o poder defensivo dos Estados Unidos, baseado no «maior número» de bombas atômicas que estes possuem. Podemos deixar de lado esta suposição mortalmente perigosa. Os povos ocidentais não têm um «sentimento de segurança» causado pelo estoque de bombas atômicas americanas. Os povos têm bastante bom senso para não basearem sua confiança na bomba atômica. Basta saber-se do pânico que já se apoderou de diferentes cidades da Alemanha Ocidental, da Inglaterra e dos Estados Unidos, em face de simples notícias infundadas, divulgadas pelo rádio, sobre um ataque atômico, para provar o contrario desse apreçoado «sentimento de segurança». E' que os povos sabem que numa guerra dessa ordem, se o ataque é duro a resposta ao ataque pode ser mais dura ainda. Ninguém sabe que numero de bombas atômicas possui esse ou aquele país. Por isso tudo, para livrar a humanidade de uma catastrophe imprevisível, o Apelo de Estocolmo é feito com o objetivo de forçar os estadistas de todas as grandes potencias a empreender esforços, e a fazerem-no sinceramente, no sentido de obter uma interdição efetiva da terrível arma.

Aos que dizem:

«O APELO CONSTITUI UMA TENTATIVA DE FAZER CRER A TODOS QUE A U.R.S.S. É «O VERDADEIRO BALUARTE DA PAZ MUNDIAL». A FIM DE QUE ADOTEM UMA POSIÇÃO FAVORÁVEL À UNIAO SOVIÉTICA».

RESPONDEMOS:

Estados Unidos, para impedir, de modo simples e pratico, esse «complot» destinado a apresentar a U.R.S.S. como baluarte da paz, não apenas as propostas contidas no Apelo? Porque não inutilizam esse processo, cujos efeitos seriam imediatos, para desmascarar o «complot»? Os povos, cansados de guerras, querem atos e não simplesmente palavras. Hoje é impossível esconder que as palavras de paz de algumas autoridades norte-americanas, porque a maior parte usa uma linguagem guerreira muito clara estão em contradição com os atos da politica americana que já não são apenas de preparação de guerra, mas de agressão aberta.

Aos que dizem:

«O APELO CONFUNDE A AGRESSÃO E O EMPREGO DA BOMBA ATOMICA E DIMINUI A IMPORTANCIA DAS OUTRAS FORMAS DE AGRESSÃO».

RESPONDEMOS:

Isto é argumentar com o absurdo. Todos sabem que houve agressões antes da descoberta da desagregação nuclear e que outras ocorrerão se o movimento mundial dos povos não for tão forte e organizado de

Aos que dizem:

«A ADOÇÃO DA PROPOSTA SOVIÉTICA POR PARTE DA ONU REFORÇARIA O PODERIO MILITAR SOVIÉTICO».

RESPONDEMOS:

Essa objeção se baseia na ideia falsa de que o Apelo se baseia num determinado plano de controle da energia atômica, quando na realidade o Apelo tem o cuidado de não ligar às questões técnicas. Se fosse proibido o emprego da bomba atômica, em que categoria de armas poderia a União Soviética ter superioridade em relação às outras nações? Os Partidários da Paz que publicaram o Apelo reclamaram também um acordo internacional visando a redução geral dos armamentos clássicos. E o Congresso de Praga no mesmo modo tomou resolução nesse sentido.

Aos que dizem:

«O APELO VISA FAZER COM QUE OS POVOS ESQUEÇAM AS AGRESSÕES E AS OBSTRUÇÕES REALIZADAS PELA UNIAO SOVIÉTICA».



RESPONDEMOS:

O Apelo abstem-se deliberadamente de estudar os aspectos complexos e discutíveis da politica externa desse ou daquele país. Procura unicamente as bases morais sobre as quais os homens de opiniões divergentes possam chegar a um acordo sobre um programa humanitário. O Apelo é apoiado por pessoas que estão de acordo com a politica dos Estados Unidos, da mesma maneira que pelos que estão de acordo com a politica soviética. Um exemplo: o Equador é um país que tem acompanhado sistematicamente os Estados Unidos na ONU e pessoas que compõem o governo equatoriano, é logico que estão de acordo com a politica externa e interna do Equador. No entanto, os seguintes ministros de Estado equatorianos assinaram o Apelo de Estocolmo: Dr. Carlos Vela Garcia, ministro da Educação; Dr. Glodoveo Alcivar Cevallos, ministro da Previdência Social; Dr. Carlos Zambrano Crejuela, ministro de Estado; Engenheiro Atahualpa Ruiz, ministro das Obras Públicas e Sr. Araujo Luna, ministro do Tesouro.

Que prova mais esmagadora poderia ser dada?

Vago e impreciso, o Apelo americano no

Finalmente, o documento que é criticado o Apelo de Estocolmo apresenta o seu próprio Apelo. Cumpre notar o fato bastante significativo de que esse novo apelo deixa deliberadamente de lado a questão do extermínio em massa das populações levado a efeito pela bomba atômica. Eis os itens do Apelo que o documento americano sem assinatura opõe ao Apelo de Estocolmo.

- 1) Respeitar nossos compromissos para com as Nações Unidas.
- 2) Apoiar a defesa coletiva das Nações Unidas contra a agressão.
- 3) Eliminação dos armamentos: a) pelo plano da ONU de controle da energia atômica; b) pela redução das outras armas.
- 4) Respeito aos direitos do homem e às liberdades enunciadas na Carta das Nações Unidas.
- 5) Promover o bem-estar dos povos por meio de organismos especiais da ONU.

O APELO DE ESTOCOLMO E' INSUBSTITUIVEL

É CERTO QUE TODOS OS HOMENS DE BOA VONTADE ESTÃO DE ACORDO COM ESSAS PROPOSTAS MAS TRATANDO-SE DE UM DOCUMENTO DESTINADO A SUBSTITUIR OUTRO, SERIA DE DESEJAR QUE ELE ATENDESSE A OBJETIVOS, FALHAS OU LACUNAS QUE O OUTRO ACASO CONTIVESSE. PODE-SE OBSERVAR ISTO EM RELAÇÃO AO DOCUMENTO AMERICANO, QUE LOGO DE INICIO TEM O DEFEITO DE SER ELABORADO POR UM GRUPO DE UM SO PAIS QUANDO O APELO DE ESTOCOLMO É PRODUTO DOS DEBATES E ESTUDOS DE UMA ASSEMBLEIA DE POVOS. NÃO! DUAS COISAS CARACTERIZAM ESSE DOCUMENTO QUE ATACA O APELO DE ESTOCOLMO: 1.º) — A AUSÊNCIA DE UMA PROPOSTA PRECISA E APOLITICA PARA A INTERDIÇÃO DA BOMBA ATÔMICA. (ESTA IDEIA SE BASEIA NA TEORIA DE QUE OS INTERESSES AMERICANOS SÃO FAVORECIDOS PELA POSSIBILIDADE DE UTILIZAÇÃO DA BOMBA ATOMICA, AO MENOS EM PRIMEIRO LUGAR.) 2.º) — TODOS OS ESFORÇOS DOS CRITICOS AMERICANOS AO APELO DE ESTOCOLMO, NÃO PASSAM DE UMA DIGRESSÃO SOBRE QUESTÕES DE POLITICA INTERNACIONAL MUITO DISCUTIDAS, DO PONTO DE VISTA DE UMA NAÇÃO OU DE UM BLOCO DE NAÇÕES. NÃO CONDUZEM AO ACORDO, LEVAM A DIVISÃO.

PORTANT, O APELO DE ESTOCOLMO, QUE TRADUZ O ANSEIO DE PAZ DOS POVOS, E JÁ RECEBEU MAIS DE SEISCENTOS MILHOES DE ASSINATURAS EM TODO O MUNDO, É UM DOCUMENTO INSUBSTITUIVEL, SO' ELE MOBILIZANDO E ORGANIZANDO CRESCENTEMENTE NOVOS MILHOES EM TORNO DOS SEUS OBJETIVOS HUMANOS E GENEROSOS, PODE SALVAR O MUNDO DA CATASTROFE ATOMICA, SO' ELE, QUE JÁ FOI CONSGRADO PELA VONTADE DE PAZ DOS POVOS, E NENHUM OUTRO.



O ESTATUTO DA PAZ ELABORADO NO II CONGRESSO MUNDIAL

REPERTE em todos os países a realização em Varsóvia do II Congresso Mundial dos Partidários da Paz, fruto da iniciativa e da energia dos partidários da paz de todos os países que, não de desmascarar por completo o governo Atlee, transformaram num triunfo a derro-

UMA CIRCULAR SECRETA DOS IMPERIALISTAS

Viaando impedir a realização do Congresso em Shetfield, Inglaterra, os governos dos Estados Unidos, Inglaterra e França enviaram uma circular secreta aos seus embaixadores nesse sentido. A circular ordenava que fossem negados vistos aos delegados e opostos todos os obstáculos possíveis pelas representações diplomáticas desses países. Mas os obstáculos foram vencidos.

A PRESIDENCIA DO CONGRESSO

No primeiro dia dos trabalhos, foi unanimemente aclamada a direção do Congresso composta por Joliot-Curie (França), Pietro Nenni (Itália), A. Fadeiev (U.R.S.S.), Branca Fialho (Brasil), Gal. Lazaro Cárdenas (México), Juan Marinello (Cuba), Pablo Neruda (Chile), Deão de Canterbury (Inglaterra), entre outros.

FALA JOLIOT-CURIE

Um dos pontos altos de todas as sessões do Congresso, foi a apresentação do relatório de Joliot-Curie, Presidente do Comitê Permanente do Congresso. O relatório da grande sabão versou sobre a atividade geral do movimento da paz em seguida ao I Congresso e a intensificação da campanha da paz diante do perigo crescente de guerra.

Joliot-Curie foi delirantemente aplaudido ao mostrar que o movimento mundial pela paz é um forte obstáculo que se ergue no caminho dos incendiários de guerra. O relatório é um dos grandes documentos dos nossos dias. Nele se destaca o desejo dos povos de luta pela paz, assinalando as próximas e atuais tarefas para a luta dos povos por sua liberdade e independência.

Concluindo seu trabalho, disse o celebre cientista francês: «As conclusões deste Congres-

so devem servir de base para elaborar um Apelo que será dirigido a todos os povos. Esse apelo e as resoluções do Congresso serão apresentados perante assembleias e organizações de massas. Todos os países apresentaram a este Congresso delegações que propõem outras formas de atividade na luta pela paz. As resoluções do II Congresso serão levadas aos governos, aos parlamentos, à O.N.U. Não podemos permitir que criminosos empreguem forças de destruição para aniquilar dezenas de milhares de pessoas. Precisamente por isso devemos compreender a importância da nossa luta em defesa da paz. Seremos cada vez mais fortes e nos sobreporremos às forças da reação mundial que se acham interessadas numa nova guerra.»

A PALAVRA DE PIETRO NENNI

Outro importante documento do Congresso, o relatório de Nenni, diz respeito à atividade



Pietro Nenni

para proibir as atividades de propaganda de uma nova guerra, declarar a arma atômica fora da lei, exigir a redução geral dos armamentos e um controle internacional para a efetivação dessas medidas. Nenni salientou que o

Pacto do Atlântico é uma aliança militar que intensifica a corrida armamentista, traz graves ameaças às liberdades democráticas e o ressurgimento do fascismo. «É importante que no interesse da paz, proclamemos energeticamente os princípios da não-intervenção nos negócios dos países» — disse ele.

SIGNIFICATIVA CONTRIBUIÇÃO SOVIÉTICA

Todo o plenário dedicou extraordinária atenção às palavras do Presidente da delegação soviética, o grande escritor de «A Jovem Guarda», A. Fadeiev, que disse: «A nova guerra já nos bate às portas. É inútil fazer deduções sobre se está próxima ou distante a guerra, quando a guerra nos bate às portas. É necessário tomar medidas para conjurar a guerra.»

Fadeiev falou também sobre a agressão americana à Coreia: «A Coreia, com 30 milhões de habitantes, transformou-se num montão de ruínas e está encharcada do sangue das crianças. No entanto, o Presidente dos Estados Unidos, diante desses atos bestiais, afirma que essa é a sua maior contribuição a causa da paz. Eu convido o Presidente dos Estados Unidos a deixar entrar no seu país umas cinco mulheres coreanas, mulheres simples, que sofreram os horrores da guerra e que perderam os seus filhos para que elas percorram as universidades, as empresas, as fábricas, os campos, os quartéis e contem o quanto sofreram e viram com seus próprios olhos. O povo norte-americano compreenderia as mentiras da sua imprensa e dos seus governantes.»

Depois de apoiar os relatórios de Joliot-Curie e Nenni, Fadeiev disse que desejava oferecer uma contribuição ao Estatuto da Paz que será elaborado pelo II Congresso. Apresentou então um Plano de Paz de três pontos: 1 — Que as grandes potências, no período de 1951 a 1952 redu-

- 1 REDUÇÃO PELAS GRANDES POTÊNCIAS EM 1951-52 DE METADE DO SEUS EFETIVOS MILITARES.
- 2 CONTROLE DESSA MEDIDA POR UM ORGÃO INTERNACIONAL CRIADO NO CONSELHO DE SEGURANÇA.
- 3 PROIBIÇÃO DO EMPREGO DA ARMA ATÔMICA E DE OUTRAS ARMAS QUÍMICAS E BACTERIOLÓGICAS.

zam todas as forças armadas em metade dos seus efetivos terrestres, aéreos e navais. 2 — Constituir um órgão internacional de controle dentro do Conselho de Segurança para o cumprimento dessa resolução. 3 — Proibição do emprego da arma atômica e de outras armas químicas e bacteriológicas.

O Plano de Paz da delegação soviética foi acolhido sob aplausos entusiásticos.

MAC ARTHUR, CRIMINOSO DE GUERRA

Falando em outra sessão, o grande escritor chinês Kuo Mo Jo, Presidente do Comitê Nacional dos Partidários da Paz do seu país, propôs por termo à agressão dos Estados Unidos e de outros países à Coreia, exigindo a retirada das tropas agressoras estrangeiras, levando a cabo a solução pacífica do problema coreano e reivindicando a cessação imediata de toda e qualquer intervenção dos Estados Unidos na obra de libertação de Formosa pelo povo chinês e exigir que Mac Arthur seja declarado criminoso de guerra.

Com o caloroso apoio popular que o povo polonês deu ao II Congresso, as sessões decorrem de forma ao mesmo tempo grandiosa e emocionante. Nenhuma, entretanto, teve um final como a do dia 19. Acabara de falar o delegado da Indonésia sobre a luta sangrenta de seu povo em defesa



Branca Fialho, presidente da delegação do Brasil

da independência contra os imperialistas, quando uma delegação de crianças polonesas, vestidas com trajes regionais, entoando uma canção infantil, dirigiu-se à Presidência para saudar as delegações. As crianças distribuíam ramos de flores entre os delegados que as acolheram emocionados, com expressões de carinho. As crianças percorreram a sala, exclamando: «Salvem a paz para que as crianças de todo o mundo possam crescer e viver».



Joliot Curie

de que os provocadores de guerra britânicos tentaram impor-lhes.

Num ambiente de calorosa acolhida por parte do governo e do povo polonês transcorreu o Congresso, no qual tomaram parte 1.900 delegados de 75 países. No dia da inauguração da grande assembleia, as ruas e sacadas de toda a nova Varsóvia estavam cobertas de flores e bandeiras saudando os povos que lutam contra a guerra. Milhares e milhares de habitantes de Varsóvia permaneciam diante da Casa da Imprensa, onde o Congresso realizou seus trabalhos, saudando as delegações e exprimindo seu desejo de paz. Não existe uma só casa na capital polonesa — depõe o notável escritor soviético Boris Polevoi — em que seus moradores não estejam colaborando de uma forma ou de outra para a grandiosidade do Congresso.

Defender Prestes: DESPERTAR A CONSCIÊNCIA DE CLASSE DOS OPERÁRIOS

João MASSENA MELO

QUALQUER dirigente das classes dominantes que se visse na situação de perseguido político a que vem sendo submetido o grande camarada Prestes só veria em sua frente, como o demonstra a história política dos agentes imperialistas Mangabeira, Flores da Cunha, Armando Salles e tantos outros políticos do passado, duas alternativas: passar de malas e bagagens para a bajulação aos seus perseguidores ou fugir do campo da luta, ir para o estrangeiro para depois voltar como «vitorioso», como o símbolo da liberdade e outros adjetivos. Mas, afinal de contas, esses são políticos das classes dominantes, são políticos que, por fazerem política contra a classe operária, têm a certeza que não poderão ser por ela defendidos.

Mas, com o camarada Prestes, político do presente e do futuro de nosso povo, as coisas são diametralmente opostas. Prestes é um dirigente político da classe operária, dos camponeses e de todas as camadas progressistas de nosso país. É um dirigente político da única classe que sabe para onde marcha a história, que tem perspectiva no futuro, que só tem a ganhar com a luta por mais violência que seja. É o dirigente apolítico na ideologia de classe do proletariado que considera a luta de classe como uma luta constante, que não sofre interrupção em nenhum momento até a der-

rocada final e completa do inimigo. É baseado nisto que Prestes difere fundamentalmente dos políticos da classe dos inimigos do proletariado.

Prestes é um dirigente político da força motriz da revolução em nosso país, a classe operária tendo como aliado principal as grandes massas camponesas. Ele confia no povo, na classe operária, dela não se afastará um milímetro e tem nisto seu principal elemento de segurança pessoal.

Prestes comanda de perto, se interessando pelo menor detalhe, as lutas ora travadas pelo nosso povo por sua libertação. O comando de Prestes fortalece as lutas de libertação nacional e estas o tornam invencível pelas hostes desorientadas das classes dominantes.

Os atuais processos contra o camarada Prestes não são um fenômeno nacional. Não é uma criação, uma modalidade de luta dos reacionários de nossa terra, porém, um método internacional da burguesia na luta contra os principais condutores do povo, contra os dirigentes de vanguarda mais destacados do movimento internacional do proletariado. A perseguição à vida e à liberdade de Prestes é a mesma coisa que faz Hitler contra Dimitrov, que fizeram os dirigentes fascistas da Hungria contra o cama-

rada Matias Rakosi, que ora fazem os fautores de guerra lanques contra os dirigentes do P.C. Americano e tantos outros dirigentes proletários em todo o mundo capitalista.

Isso quer dizer que os agentes imperialistas nacionais põem em prática mais uma ordem da principal força da reação imperialista mundial — os Estados Unidos — com o objetivo de ver o nosso povo, a classe operária, sem o comando genial do camarada Prestes e de seus companheiros mais próximos, além de preferirem com isso amedrontar a classe operária e as demais camadas da população.

Mas, a história do movimento de solidariedade internacional aos dirigentes da classe operária, mostra que essas perseguições, essas processos monstruosos levados a cabo pela burguesia, longe de amedrontar, de por em pânico a classe operária, têm servido para reforçar a consciência de classe dos oprimidos e estreitar a solidariedade internacional dos trabalhadores. Não é outra coisa que nos ensinam os processos contra os camaradas Dimitrov, Rakosi e tantos outros. Escrevendo sobre o processo de Rakosi, diz-nos o camarada Laudo Neri:

Esse processo teve uma importância imensa para o despertar da con-

sciência de classe dos operários húngaros. «Um novo exercício de luta de classe, escreveu então Erno Gero, se formava em meio a um odio profundo à burguesia e aos traidores. Esse exercício, que Rakosi dirigiu, estivesse ele na prisão ou em liberdade, se lançou ao assalto do tribunal da burguesia e atraiu para si as simpatias dos cidadãos progressistas de todo o mundo.»

O camarada Prestes é um guia geral de nosso povo, um militante proletário de vanguarda, que representa um obstáculo intransponível no caminho da execução dos sinistros planos imperialistas contra a nossa independência. Ora, sendo o camarada Prestes o comandante do exercício de libertação nacional é sobre ele que o imperialismo e seus agentes nacionais, representados por esse governo de tração nacional lançam seu odio zoológico. Mas Prestes deve ser inatingível porque representa a fíada de libertação, de luta contra a guerra e pelas reivindicações sentidas de todas as camadas progressistas do país, especialmente da classe operária.

Isto quer dizer que é enorme a responsabilidade de todos os patriotas, todos os